

ANTÔNIO DE MACEDO

Bíblia e Reencarnação

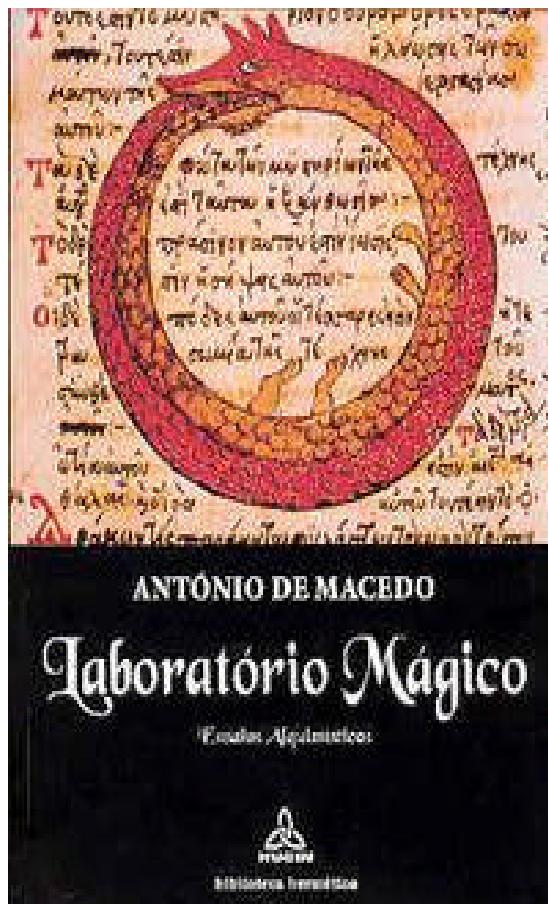


Fraternidade Rosacruz Max Heindel

CENTRO AUTORIZADO DO RIO DE JANEIRO

**Filiado a The Rosicrucian Fellowship
Mount Ecclesia, Oceanside, California, USA**

BÍBLIA E REENCARNAÇÃO



Seleccção de três capítulo do livro:

ANTONIO DE MACEDO, *Laboratório Mágico*, Lisboa: Hugin Editores Lda., 2002.

Índice	Livro Laboratório Mágico	E-Book Bíblia & Reencarnação
I. Ressurreição da carne...	p. 343	p. 003
II ...ou reencarnação?	p. 353	p. 014
III. De glória em glória	p. 367	p. 030
IV. O que é Esoterismo		p. 041
V. Sobre o autor e sua obra		p. 053

Ressurreição da carne...?

Vários factores contribuíram para a re-semantização de uns quantos conceitos da primitiva tradição cristã que, detendo significados místicos ou ocultos, com o decorrer do tempo acabaram por adquirir outros mais vulgarizados e, em certos casos, divergentes e até opostos entre si.

Eis um breve rol de alguns daqueles factores: a fragmentação e multiplicação das comunidades cristãs e respectiva dispersão por extensas áreas geográficas; a gradual transformação, em congregações «de superfície», das ramificações dos primeiros círculos iniciáticos; a assimilação do tipo de hierarquização religiosa judaica e a sua introdução nos movimentos cristãos externos, que passaram a ser dirigidos por «anciãos» (*presbyteroi*) e «supervisores» (*episkopoi*), com exclusão da inicial e paritária participação feminina, ao mesmo tempo que se consolidava nas *ekklêsiai*, e em consequência dessa «patriarcal» hierarquização, uma autoridade semelhante à autoridade política; as intermináveis disputas e polémicas entre facções cristãs, não raro manchadas por deploráveis violências, acerca do significado e da intenção de palavras, expressões e conceitos cruciais; o uso cada vez mais difundido do latim e do seu «colorido» imperial nos textos de inspiração cristã, em vez do grego, sobretudo a partir de meados do século II.

Muito esquematicamente, pode considerar-se que a «exoterização» dos ensinamentos de Cristo Jesus se processou na transição do século I para o século II, intensificando-se sobretudo a partir de meados do segundo século com as primeiras apologias da Patrística «anti-herética» — confundindo-se, neste termo, tanto o que era «anti-gnóstico» como o que era «anti-mistérico».

Um dos conceitos que sofreu com a re-semantização atrás referida foi o que se exprimia, em grego, umas vezes pelo verbo *anistêmi* e outras pelo verbo *egeirô*, que analisámos em múltiplos exemplos no bloco anterior («Ressurreição: uma realidade cósmica»), além do correlato substantivo *anastasis* (mais raramente *egersis*). Antes de irmos adiante, gostaria entretanto de chamar a atenção para um contexto, em Lucas, em que o verbo *anistêmi* — cujo significado usual é «levantar», «erguer», «ressurgir», «eivar», etc. — é utilizado com o sentido óbvio de «reencarnar». Comparem-se as

seguintes duas situações distintas que as traduções vulgares do Novo Testamento tratam enganosamente do mesmo modo:

a) Depois da morte de João Baptista, Herodes ouviu falar nos prodígios de Jesus e quis saber quem era Ele; uma das respostas que recebeu foi que «João ressuscitara dos mortos» (Lucas 9, 7). Mas a tradução correcta deve ser: «João fora despertado [aoristo passivo de *egeirô*] dentre os mortos». Já esclarecemos no n.º 3 do bloco «Ressurreição: uma realidade cósmica» que neste caso não cabia falar-se em ressurreição (e menos ainda em reencarnação!) porque Jesus já era bem adulto quando João foi decapitado, tinham praticamente a mesma idade, logo aquela frase apenas traduz uma das muitas crenças mágicas daquele tempo (eventualidade da passagem do «espírito» e dos «poderes» de um morto para um vivo);

b) Uma segunda resposta que deram a Herodes, como outra possível explicação para as singulares capacidades de Jesus, foi que «um dos antigos profetas tinha ressuscitado» (Lucas 9, 8) — resposta esta idêntica à que os discípulos, mais tarde, deram a Jesus quando Ele os inquiriu: Quem dizem as gentes que eu sou? Neste caso a tradução correcta deve ser: «um dos antigos profetas tinha reencarnado [aoristo do verbo *anistêmi*]» (Lucas 9, 19). E porquê reencarnado e não ressuscitado? De acordo com o dogma da Igreja, a ressurreição só se verificará no «fim dos tempos» e «na carne» do próprio; ao passo que a reencarnação seria a ocorrência lógica para explicar a transmigração de virtudes espirituais de alguém que tivesse morrido há muito (um dos tais profetas) para um outro nascido posteriormente — neste caso Jesus. A hipótese da reencarnação posta por alguns elementos do povo não é admirável uma vez que no mundo judaico-greco-romano dos tempos de Cristo coabitavam, já o sabemos, as mais discrepantes e até opostas concepções relativas aos mistérios da vida e da morte, desde a revivificação egípcia e a ressurreição dos corpos até à reencarnação e à preexistência das almas, passando pelo nihilismo dos Cínicos, pela metempsicose dos Pitagóricos, etc.

Mas sobre este particular, concernente à reencarnação, falaremos no próximo bloco.

A primeira versão em latim dos livros bíblicos data de meados do século II; o grego, que era a língua franca de comunicação no mundo greco-romano, incluso na Palestina, na Síria e no Egipto — certos autores pensam que Jesus se exprimia não só

em aramaico mas também em grego¹ —, foi sendo progressivamente substituído pelo latim nas *ekklêsiai* da área romana (*ecclesiae*), quer no quotidiano, quer nos textos e nos documentos. No século III já era o latim a língua oficial da «Grande Igreja» e no século IV institucionalizou-se como língua litúrgica, durante o pontificado do papa Dâmaso.

Aqueles termos gregos — *anistêmi* e *egeirô* — que significam «levantar», «erguer», «despertar», etc. foram traduzidos em latim por verbos de significado idêntico ou semelhante, como por exemplo *surgere*, *suscitare*, *resurgere* — derivando deste último o substantivo *resurrectio*, *-onis*, que deu origem ao termo «ressurreição» em português e aos seus congêneres nas restantes línguas do ramo itálico (e não só deste, o inglês por exemplo também usa *resurrection*).

A excessiva tendência populista e materializante dos grupos exotéricos em que se foram fragmentando as primitivas e iniciáticas comunidades cristãs, começou a ver na *resurrectio* um acontecimento *carnal* e não uma transmutação transcendental, num mal-aventurado retrocesso ao pendor mágico-corpóreo de inspiração egípcio-farisaica. A expressão *resurrectio carnis* tornou-se cada vez mais corrente, passando a ser defendida com ferocidade pelos apologetas da «Grande Igreja», contra por exemplo os grupos esotéricos e os chamados Gnósticos que sempre repudiaram tal conceito — vejam-se por exemplo os fragmentos que restam da obra sobre a «ressurreição da carne» de Justino Mártir (aprox. 100-165 d. C.), bem como o Livro V do tratado *Adversus Haereses*, de Ireneu Lugdunense, que viveu durante toda a segunda metade do século II.

A ideia duma ressurreição-transmutação em corpo espiritual glorioso (e não na carne) persistia em certos círculos, como nos testemunha o canónico autor da primeira epístola dita de Pedro, que parece ter sido escrita entre 117 e 135 d. C.: nela se pode ler em dado passo: «Por esta razão também aos mortos foi pregada a Boa Nova [o Evangelho], afim de que, tendo sido julgados pelos homens, em carne, possam viver, segundo Deus, em espírito» (1 Pedro 4, 6). O teor desta clara afirmação distingue o que é carnal, próprio do julgamento dos homens, e o que é espiritual-transcendental, próprio do Divino.

A Prof.^a Elaine Pagels, especialista em Gnosticismo dos primeiros séculos e autora-colaboradora de um relevante trabalho de tradução e apresentação dos códices de

¹ Há um passo no Evangelho de João em que os Judeus se interrogam se Jesus irá «para a diáspora» a fim de «ensinar os Gregos [gr. *didaskain tous 'Ellênas*]» (João 7, 35). Nos tempos de Jesus distinguia-se entre *'Ellên*, *-os*, um grego ou um gentio de fala grega, um *'Ellênistês*, um judeu expatriado que só sabia falar grego, e um *barbaros*, um não-judeu incapaz de falar grego. Aquele versículo deixa entender que Jesus tinha a capacidade de ensinar em grego.

Nag Hammadi, esclarece o seguinte no seu livro *The Gnostic Gospels* (New York 1989):

Se os relatos e as afirmações do Novo Testamento são passíveis de um vasto leque de interpretações, por que é que a ortodoxia eclesiástica cristã, no segundo século, insistiu num entendimento literal da ressurreição, rejeitando todas as outras interpretações como heréticas? [...] Quando examinamos o seu efeito prático nos movimentos cristãos constatamos, paradoxalmente, que a doutrina da «ressurreição dos corpos» desempenha uma função política essencial: legitima a autoridade de certos homens que reivindicaram o exercício da chefia das igrejas como sucessores do apóstolo Pedro. A partir do século II, essa doutrina serviu para validar a sucessão apostólica dos bispos [*episkopoi*, supervisores] que tem sido a base da autoridade papal desde então até hoje. Os cristãos gnósticos que interpretavam a ressurreição de outro modo não se preocupavam com exigências de autoridade; mas sempre que invocavam prioridade sobre a ortodoxia, eram denunciados como hereges. (*Op. cit.*, p. 7).

Tanto quanto julgo saber, a primeira vez que a expressão latina *resurrectio carnis* aparece é no *Symbolum Apostolicum* de «fórmula combinada» (entre meados e finais do século II), assim chamado porque combina a «fórmula cristológica» (iniciada com um passo duvidoso dos Actos dos Apóstolos)² e a «fórmula trinitária» (já referida por Justino Mártir) dum primitivo *Credo*, ou confissão de fé, que resume brevemente as principais doutrinas da ortodoxia cristã. A sua formulação latina é a seguinte:

Credo in Deum patrem omnipotentem
Et in Christum Iesum, filium Dei,
Qui natus de Spiritu Sancto ex Maria Virgine
Et crucifixus sub Pontio Pilato et mortuus est et sepultus,
Et resurrexit die tertia vivus a mortuis,
Et ascendit in caelis,
Et sedit ad dexteram patris,

² Trata-se dum versículo dos Actos que não consta das principais lições variantes conhecidas do texto grego (Actos dos Apóstolos 8, 37), em que um eunuco etíope, antes de ser baptizado por Filipe, pronuncia o primeiro e mais simples Credo: «Creio que o filho de Deus é Jesus Cristo».

*Venturus iudicare vivos et mortuos;
Et in Spiritum Sanctum et sanctam ecclesiam,
Et carnis resurrectionem.*

A «ressurreição da carne» figura na última linha. Assinale-se, como curiosidade, que o Credo de Niceia, mais desenvolvido do que aquele e redigido (pelo menos o seu núcleo principal) no Concílio de Niceia em 325, foi composto originalmente em grego, e em vez de «ressurreição da carne» regista *anastasis nekrôn*, «ressurreição dos mortos», expressão mais lata que não implica obrigatoriamente a «matéria». É interessante notar que os primitivos autores de língua grega, duma forma geral, preferem a expressão «dos mortos» em vez de «da carne», como por exemplo a *Didachê*, Clemente de Roma, Aristides de Atenas, Atenágoras de Atenas, Orígenes... Em contrapartida, os latinos como Metódio, Hipólito de Roma, Tertuliano, e, mais que todos, o implacável Santo Agostinho, defendem a *resurrectio carnis* com unhas e dentes.

Parece que a origem equivocada do conceito estará numa passagem de Job:

*Sei que tenho um Vingador vivo
que se erguerá finalmente, no pó da terra.
Por trás da minha pele, ele pôr-me-á junto de si,
e na minha própria carne verei a Deus. — Job 19, 25-26.*

O Vingador, ou o Libertador, era o termo técnico usado pelos Hebreus para designar o parente mais próximo que em caso de ofensa mortal seria o «vingador do sangue». Job, como os Judeus do seu tempo, não concebia uma continuidade de vida após a morte (nessa época, recorde-se, as bênçãos só eram concebíveis em plano terrestre, muitos filhos, muito gado, muitos bens... tal como os castigos)³, por conseguinte parece que Job quer dizer, com estas palavras, que Deus o vingará de alguma maneira enquanto ainda permanecer em corpo físico («na carne»). A palavra

³ Acrescente-se mais um exemplo aos que já demos antes: «Que este livro da Lei não se afaste dos teus lábios; medita nele dia e noite, para que possas agir de acordo com o que nele está escrito. Assim, o que emprenderes prosperará, e terás bom êxito» (Josué 1, 8). — Prosperidade e êxito, claramente se entende, em vida e bens terrenos. Embora o livro que leva o nome de Josué tenha sido escrito já depois do século VI a. C., reproduz no entanto concepções muito antigas: Josué, filho de Nun, foi o sucessor de Moisés na chefia dos primitivos Hebreus.

«erguer-se», associada ao Vingador, era o termo técnico utilizado para a acção de defender ou julgar. Os exegetas reconhecem a dificuldade de se conseguir uma tradução unânime deste texto de problemática interpretação, que Jerónimo verteu de modo a parecer uma alusão à doutrina da ressurreição da carne:

*Scio enim quod Redemptor meus vivit,
Et in novissimo die de terra surrecturus sum;
Et rursum circumdabor pelle mea,
Et in carne mea videbo Deum meum.*

Jerónimo traduziu Vingador por Redentor, numa messiânica e abusiva alusão ao Cristo futuro, além de infiltrar no texto uma espécie de ressurreição *in novissimo die*, «no último dia». Na medida em que Job não acreditava numa sobrevivência *post-mortem*, o sentido geral deste passo sugere que Job deseja ver com os próprios olhos, «na carne» da sua existência terrena, a justiça que lhe é devida feita por Deus-em-pessoa, como seu «Vingador». O que aliás aconteceu: após várias peripécias e uma série de discursos, alguns um tanto contraditórios porque o livro de Job é uma imbricação de textos de diferentes épocas e de concepções algo distintas, Job é amplamente recompensado, em vida, de todas as desgraças e perdas que sofreu.

Já muito antes de Jerónimo, aquele passo de Job fora aproveitado por Clemente de Roma na sua Primeira Carta aos Coríntios, como alusão à ressurreição dos mortos; nessa carta, escrita por volta do ano 96 d. C., Clemente transcreve o final do referido passo do seguinte modo: «E levantarás esta minha carne [gr. *anastêseis tèn sarka mou*] que tudo isto sofreu» (1 Clemente, XXVI).

A transcrição mais ou menos «distorcida» das antigas Escrituras foi uma prática comum desde cedo utilizada por certos autores cristãos a fim de fundamentarem a «ortodoxia» exotérica cada vez mais imperante; no caso da «ressurreição carnal», que temos vindo a considerar, podemos colher mais um expressivo exemplo num escrito canónico que provavelmente já deverá ser datado dos princípios do século II, os Actos dos Apóstolos⁴, onde se lê o seguinte:

⁴ Certos autores consideram que os Actos dos Apóstolos, do Novo Testamento, foram escritos pelo Lucas citado na carta aos Colossenses e na 2.ª epístola a Timóteo como companheiro de Paulo, o mesmo Lucas que seria o autor do Evangelho que leva o seu nome. Atribuem aos Actos uma data contemporânea de Paulo, argumentando que nesse livro, que narra sobretudo as missões evangelizadoras de Pedro e Paulo, não se fala no martírio nem na morte de ambos, factos que ocorreram entre 65 e 68 d. C. e que,

«...[David], com antevisão, falou acerca do ressurgir [gr. *anastasis*] do Cristo, que não seria abandonado ao inferno [gr. *'aidês*, o Hades] nem a sua carne veria a corrupção» (Actos 2, 31).

Este versículo faz parte do discurso de Pedro aos «Judeus e moradores de Jerusalém» no dia de Pentecostes, após a descida do Espírito Santo, em forma de línguas de fogo, sobre os apóstolos, e transcreve um passo do Salmo 16 [15] — que aliás já tinha sido evocado pelo mesmo Pedro, pouco antes, mais extensamente — com significativas alterações. O texto do Salmo, que aliás não evidencia nenhuma intenção profética quanto a Cristo, é o seguinte:

*O meu coração rejubila, a minha alma exulta,
também o meu corpo descansará seguro.
Porque não me abandonarás ao sheol,
e não permitirás que o teu servo fiel veja o abismo*⁵. — Salmo 16 [15], 9-10.

Este Salmo, que faz parte do conjunto dos três «Salmos místicos» (cf. *supra*, p. 103), obviamente nunca foi escrito por David que viveu pelo menos uns 500 ou 600 anos antes da sua composição, e é um apelo do justo a Jahvé para que o livre de cair no *sheol* e o conduza até Si.

O texto dos Actos acrescenta a palavra «carne», que não consta do Salmo, para reforçar o conceito colateral de «ressurreição em carne» que começava então a ser adoptado por certas comunidades cristãs (de fundo mágico? a amarração do espírito que partiu à carne que ficou é uma acto de magia: *necrodese*, como já acentuei), as quais acabaram por fazer prevalecer este ponto de vista na orientação exotérica mais tarde aprovada e imposta sob os auspícios de Constantino (a «Grande Igreja»).

Desde que começou a ser formulado, esse conceito tem sido debatido, refutado, ironizado, repelido, ridicularizado, combatido, impugnado, contra-argumentado

pela sua importância, tal como a destruição do Templo, sem dúvida aí seriam assinalados se os Actos tivessem sido redigidos numa data posterior ao ano 70. Esquecem esses autores que o livro está incompleto, termina bruscamente sem que se tenha ainda descortinado a razão, e os estudos mais recentes evidenciam uma data nunca anterior a 80-90 podendo mesmo ir, com mais verosimilhança, até princípios do século II.

⁵ Os exegetas ainda hoje discutem se o termo hebraico *shahat*, neste contexto, se deve traduzir por «corrupção» ou por «abismo». Os mais descomprometidos optam por «abismo» ou «fosso», ao passo que os partidários da «ressurreição da carne» preferem a interpretação dogmática, «corrupção», que Jerónimo adoptou na sua Vulgata latina:

*Quoniam non derelinques animam meam in inferno,
Nec dabis sanctum tuum videre corruptionem.*

exotérica e esotericamente, etc. etc. mas os seus mais ferrenhos patronos, entre os quais avulta o gigantesco Santo Agostinho que, pese embora o seu génio, encheu de minhocas a cabeça a muito boa gente⁶, arremessam contra os opositores um catálogo completo de argumentos a favor de tão estranha crença: primeiro, a alma tem uma propensão natural para o corpo, logo a perpétua separação de ambos seria inatural; segundo, o corpo é consolidário com a alma nos crimes como nas virtudes, por conseguinte a justiça de Deus exige que ambos partilhem os respectivos castigos ou prémios; terceiro, uma vez que a alma separada do corpo é naturalmente imperfeita, a plena felicidade final só pode consumir-se com a ressurreição da carne...

Bom, os autores que assim raciocinam, além de não terem entendido a elevada beleza esotérica dos passos neotestamentários que em geral invocam para abono das suas convicções, revelam um materialismo carnalista nos antípodas dos sublimes ensinamentos de Cristo Jesus, além de laborarem numa estranha confusão lógica entre «corpo de carne» e «forma corporal».

Quando os teólogos pretendem deslindar a dificuldade da identificação do «corpo» desta vida terrena com o «corpo» ressuscitado, dizem coisas assim:

A posição correcta do teólogo perante o problema do corpo ressuscitado gloriosamente é que, embora se trate duma realidade misteriosa em que os dados dificilmente se conciliem entre si, esses dados são na verdade nítidos. Estamos em presença duma dupla afirmação que devemos conciliar: o corpo ressuscitado é diferente do corpo cá de baixo — no entanto trata-se do mesmo corpo. (CANDIDO POZO SJ, *Teología del Más Allá*, 3.^a ed. Madrid 1992, pp. 283-284, nota 392).

Aliás, o autor que acabei de citar, professor de Teologia Dogmática na Faculdade de Teologia de Granada, admite, por exemplo, que o episódio em que os saduceus

⁶ Agostinho teve o infeliz mérito de interpretar à letra, e não esotericamente como devia ser, o famoso passo de Paulo (1 Coríntios 15, 22.45) onde este contrapõe, à vivificação crística, a separatividade da era adâmica que deu à humanidade primeva a consciência da morte (ver pp. 355-358); em consequência, Agostinho criou o pesadelo do «pecado original» além doutros pesadelos como refere a teóloga alemã Uta Ranke-Heinemann: « [Agostinho concebeu] um Deus déspota, inaugurando uma lógica de medo e de terror para melhor impressionar as almas [...] [Pode-se dizer que foi] o promotor daquela moral que identifica o sexo com o medo e a concupiscência» (Citado em: HENRI TINCQ, *Les Génies du Christianisme*, 1999). — Quanto ao tema da «ressurreição da carne», leia-se de Agostinho a obra *De Civitate Dei*, Livro XXII, sobretudo os capítulos 4 a 21 e arrepelem-se os cabelos; chamo a atenção para os atilhos em que douto autor se enreda quando, no capítulo 13, tenta explicar, sem conseguir desembrulhar-se, como e com que corpo ressuscitarão os fetos abortivos que morreram no ventre das mães...

tentam embarçar Jesus com o problema da viúva dos sete irmãos (ver *supra*, pp. 333-336) não é nada fácil e pode ter várias interpretações possíveis: cf. *op. cit.*, p. 267.

Por sua vez o teólogo jesuíta Josep María Bover (1877-1954), um dos mais distintos exegetas neotestamentários da primeira metade do século XX, ao abordar esta matéria no seu livro *Teología de San Pablo* (4.^a ed. Madrid 1967) incorre no excesso da tese intelectualista medieval, em que os princípios supremos do conhecimento radicam, em última análise, na experiência, como dizia Tomás de Aquino: *Cognitio principiorum provenit nobis ex sensu*. J. M. Bover interpreta com os «sentidos carnaís», ou seja, em sede materializante e não apenas exotérica, um dos mais singelos e diáfanos passos de Paulo (Romanos 8, 11), que já tivemos oportunidade de comentar no bloco anterior, na p. 330.

Muito mais significativas são outras expressões que falam do *corpo* ressuscitado. Diz o Apóstolo que Deus *vivificará os nossos corpos mortais* (Rom. 8, 11). Aí se fala de corpos que sejam *nossos* anteriormente à ressurreição; que sejam *mortais*, isto é, que tenham morrido precedentemente; e que sejam *vivificados*, quer dizer, que *recuperem* a vida perdida. Ora estas três condições não se verificariam se a ressurreição a alma glorificada tomasse ou se enformasse em outra matéria diferente. Tal matéria não seria o *nosso* corpo anterior; não seria o corpo *mortal* que tivéramos antes; nem *recuperaria* a vida perdida, mas receberia a vida, pela primeira vez, da nossa alma. (*Op. cit.*, p. 816. Os *itálicos* são do autor: J. M. Bover).

Deixo ao bom do leitor o cuidado de alinhar e contabilizar a quantidade de paralogismos — todos de boa-fé — e de formalismos de ultrapassada «psicologia racional» semeados em tão pequeno quão surpreendente parágrafo.

Quer Paulo, quer João, proclamam a evidência que deveria cortar cerce todas as dúvidas:

«A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herda a incorruptibilidade» (1 Coríntios 15, 50).

«O espírito é o que vivifica; a carne não serve para nada» (João 6, 63).

Na verdade, associar a presente «carne» ao glorioso e transfigurante ressurgir para um novo Grande Dia de Manifestação é uma blasfémia tão ridícula que não mereceria mais comentários, mas os teólogos católicos *mainstream* não desarmam, e consideram que aqueles dois versículos, de Paulo e de João, não constituem uma chave directa para a resolução do problema da «ressurreição gloriosa dos justos», uma vez que são expressos segundo uma forma negativa e não peremptoriamente afirmativa. De acordo com eles, essa ressurreição tem de ocorrer na própria *carne* do corpo actual — e não apenas enquanto «ressurgimento» do ser humano espiritual, a que eles chamam vagamente «a pessoa» —; e um dos argumentos que alegam é o paralelismo construído por Paulo, nas suas primeiras epístolas, entre a Ressurreição de Cristo — que para os dogmáticos foi em *carne* ! — e a ressurreição dos mortos.

Olvidam porém duas coisas fundamentais que destroem esse paralelismo: primeiro, o mesmo Paulo que de início se servira dessa analogia para facilitar a apreensão do mistério ressurreccional aos primeiros evangelizados, abandonou-a nos últimos escritos porque a especial Ressurreição de Cristo Jesus é diferente do «ressurgir» escatológico da humanidade — Jesus Cristo foi entregue e «ressuscitado» («desperto») *para nossa justificação* (Romanos 4, 25) e não para servir de modelo aos futuros «ressuscitados» —, e, em segundo lugar, os mesmos teólogos reconhecem que a nossa «ressurreição» apenas se verificará no «fim dos tempos», no momento da Parúsia ou regresso do Filho de Deus, ao passo que a Ressurreição de Cristo foi um fenómeno que ocorreu misteriosamente quase logo após a Sua morte.

Enfim, bem sei que estas coisas não se resolvem assim, em três frases e meia e uns golpes de elementar dialéctica, basta dar uma espreitadela, nem que seja de relance, à inacabável lista de enxundiosos livros e tratados que sobre a «ressurreição da carne» têm sido escritos pró e contra, desde os primórdios do Cristianismo até hoje, congeminados, esmiuçados, trabalhados e profundados por respeitáveis eruditos e não menos insígnies cabeças. O que prova, paradoxalmente, que raciocinar e raciocinar sobre o *mystêrion* só conduz a uma pescadinha de rabo na boca. O conhecido filósofo e ocultista Rudolf Steiner proferiu em 1913 uma trágica verdade quando afirmou: «É um facto estranho, que o Cristianismo se tenha introduzido e espalhado no mundo de um modo que tanto os seus seguidores como os seus inimigos nada compreendessem do seu verdadeiro espírito».

Posto isto, aqui me reduzo à minha insignificância e me limito a transmitir, o menos defeituosamente possível, não o que eu gostaria de acreditar sobre o assunto mas

o que nos têm a transmitir, quanto a este exaltante tema, os Ensinamentos da Sabedoria Ocidental, que é o mesmo que dizer — as doutrinas Rosacruz, ensinamentos que já deixei em parte resumidos no bloco anterior e cuja virtude consiste apenas em saber aceitar, com a singeleza da clara visão que não exclui a reverência, o que as Escrituras Santas nos ensinam:

«A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus».



ROSICRUCIAN PHILOSOPHER , Artist: J.A.Knapp

Pai C.R.C. (Christian Rosenkreuz ou Cristão Rosa Cruz) – considerado não apenas como uma personalidade, mas também como a personificação de um sistema de filosofia espiritual a si atribuído o seu estabelecimento – nenhum autentico retrato do Pai C.R.C. jamais foi encontrado. Nesta representação alegórica de J.A. Knapp, especialmente elaborada para a obra “The Secret Teachings of All Ages” (Os Ensinamentos Secretos de todas as Eras) de Manly Palmer Hall, o Grande Livro da Rosa Cruz está fechado sobre a mesa, ao lado de uma ampulheta, representando que no devido tempo tudo será revelado.

... ou reencarnação?

É ponto assente que «Cristianismo» e «Reencarnação» são duas palavras que não rimam, pelo menos para a rigidez dogmática das principais Igrejas cristãs, a Católica romana, as Protestantes e as Ortodoxas. É curioso no entanto constatar a vasta quantidade de livros e textos diversos, sobretudo de ocultismo ou pseudo-ocultismo, que nos tentam convencer que a doutrina da reencarnação se pode lóbrigar na Bíblia, ao menos em alguns furtivos interstícios, bem como a não menor quantidade de indignados defensores da ortodoxia dogmática cristã que vêm a terreiro demonstrar que tais achados não passam de inanes fantasias.

Bom, quem sou eu para me meter entre ambos e pôr-me aqui armado em juiz, bem me bastam as duras penas de andar (rastejar?) há anos e anos à procura da Verdade que eternamente busco e eternamente foge, e de me dar por excelsamente feliz quando Deus na Sua infinita Bondade me entreabre uma nesga de pálido Sol entre as espessas nuvens e me concede um breve fulgor de Luz. Fora isso, limito-me a seguir com reverência e gratidão Os Que me Ensinaram, e cuja Beleza, Verdade e Bondade do seu dizer eu tanto gostaria de ser capaz de exprimir, nem que apenas aos relances e sucintamente.

Enfim, armemo-nos de coragem e tentemos sintetizar o que, segundo penso, se pode com lisura descobrir sobre o assunto.

Antes de mais nada comecemos por aclarar o que se entende por «reencarnação», para que se deslindem pelo menos dois equívocos que andam disfarçada mais teimosamente grudados a tal palavra. O primeiro é a dúvida entre «reencarnação» e «renascimento», e o segundo prende-se com a íntima relação que tal conceito mantém com o conceito corrente de «morte».

Alinhemos esses dois:

1 — Em vez de reencarnação, termo um tanto confuso e gasto e regasto por todos os ocultismos de quiosque aparecidos sobretudo nos séculos XIX e XX, as Doutrinas Rosacruz preferem o termo «renascimento». No final duma conferência que Max

Heindel proferiu em Los Angeles numa data que não consegui apurar (sei apenas que foi entre 1913 e 1919), alguém da audiência lhe fez uma pergunta e Heindel prestou-lhe um esclarecimento que veio transcrito na revista *Rays from the Rose Cross*, mais tarde reproduzido em *Rosicrucian Philosophy in Questions and Answers*, vol. 2, pergunta 31, donde o extraio:

[Max Heindel] lamentou que a palavra «encarnação» [no original: *incarnation*] tivesse sido usada na nossa primitiva literatura, especialmente no *Conceito Rosacruz do Cosmo*. Os Irmãos Maiores, que lhe deram os ensinamentos em alemão, sempre usaram a palavra *Wiedergeburt*, que significa «renascimento» [no original: *rebirth*], e há uma grande diferença entre os dois termos, mais do que parece à primeira vista.

Um Espírito pode «encarnar» num corpo adulto desalojando o legítimo proprietário do seu veículo, obsessando assim o corpo. Quando porém dizemos «renascimento», não há nem pode haver senão um só significado.

Com efeito, a palavra «encarnar» ou «reencarnar» implica uma entrada **em carne**, seja por possessão do corpo de alguém alheio ao Espírito «invasor», seja por entrada num embrião humano recém-concebido, daí prestar-se a confusões, ao passo que «renascimento» significa que o Espírito encarnante tem de passar pela experiência do *nascimento* em um *novo* corpo físico, donde se deduz que já passou por uma experiência idêntica em existências anteriores. Tão-pouco exclui o que em certa medida se pode depreender de alguns textos sagrados cristãos: a possibilidade de **sucessivos renascimentos em níveis espirituais cada vez mais elevados**, após a morte física. Quanto a este particular, porém, falaremos mais tarde.

De qualquer modo, como o termo «reencarnação» não é totalmente erróneo, mas apenas ambíguo, e se popularizou a tal ponto que hoje se usa, na prática, como sinónimo de «renascimento», é muito natural que por vezes a pena me escorregue e empregue um pelo outro, ou me escape reencarnação quando quereria significar renascimento, do que peço desde já desculpa ao leitor que decerto saberá nessas ocasiões fazer a distinção sem perigo que o confundam tais deslizes.

2 — O segundo equívoco provém do facto de a reencarnação, ou o renascimento, constituir um fenómeno característico duma fase da história humana, em que a

densidade dos veículos materiais dos homens e das mulheres lhes escamoteia a realidade, que é a CONTINUIDADE DA VIDA. A «encarnação» (nascimento físico) e subsequente «desencarnação» (morte física), quer seja uma única vez como proclamam as Igrejas, quer em sucessivas repetições como ensinam outras doutrinas, é uma decorrência da *condição de materialidade* do veículo denso do ser humano actual; para os anjos, como vimos, não há morte nem renascimento, tal como não houve para os humanos em épocas passadas e não haverá no futuro.

Este segundo esclarecimento tem repercussões tão curiosas quão instrutivas, e logo as examinaremos. Antes porém de avançarmos por esse território, convém desmoitar tojais e abrolhos e limpar algum restolho que nos estorve o caminho, por isso desde já ponho de sobreaviso o tolerante leitor a quem devo o obséquio de me vir fazendo companhia até aqui, contra os entusiastas que tratam da reencarnação como de uma verdade desde sempre conhecida e aceite por milhões na história humana, além de citarem celebridades que a defenderam desde Platão até Jung, sem esquecer Giordano Bruno, Jacob Boehme, Kant, Voltaire, Swendenborg, Balzac, Victor Hugo, Rilke, René Guénon, Peter Ustinov, Salvador Dali e uma chusma de outros, passando pelos *Vedas*, pelos *Upanishads*, pelos Egípcios, pela Bíblia, pelos Persas, pelos Pitagóricos... Por um triz não incluem no inventário a madre Teresa de Calcutá.

Este tipo de listas encontra-se em qualquer cartilha pseudo-ocultista que se preze, e cujo autor em geral ignora que Boehme, Swendenborg ou René Guénon, por exemplo, não só não perfilhavam a doutrina dos renascimentos como em certos casos até a combateram, além de que o facto de se citar umas quantas personalidades, por muito insígnies, que acreditam numa dada coisa não prova que essa coisa seja verdadeira. Aristóteles e Tomás de Aquino, mui destacáveis entre os dez grandes génios da Humanidade, acreditavam que a Terra era plana, e o famoso astrónomo Kepler acreditava que os astros circulavam nas suas órbitas graças à harmonia espiritual do mundo, só porque teve a pouca sorte de nascer cem anos antes da formulação da lei da gravitação de Newton que hoje qualquer adolescente aprende no secundário.

Sem dúvida que os antigos Gregos, sobretudo as Escolas Órficas e certos filósofos como Ferecides, Pitágoras, Empédocles, Platão, ou poetas como Píndaro, acreditavam na metempsicose, ou transmigração das almas em sucessivos corpos, mas nem os *Vedas* nem os Egípcios nem os Persas do *Zend-Avesta* ensinaram alguma vez a reencarnação, nem os livros mais antigos da Bíblia. À semelhança do que sucedeu com a ideia de

«ressurreição dos corpos», que só tardiamente surgiu na escatologia hebraica como mais de uma vez assinalámos, também a ideia de «renascimentos sucessivos» surgiu tardiamente no pensamento escatológico oriental: o próprio Buda não se lhe refere, embora o Budismo tenha depois adoptado esse conceito, tal como o Hinduísmo védico, que só o adoptou a partir da época dos *Upanishads* (entre 700 e 500 a. C.).

Os *Vedas*, livros sagrados dos antigos povos indo-europeus que se instalaram nas vastas regiões da Índia, foram redigidos em sânscrito arcaico a partir de cerca de 1500 a. C., e fixaram um vasto número de tradições orais que se perdem na noite dos tempos — aliás como os primeiros livros da Bíblia, os cinco tomos atribuídos a Moisés (Pentateuco), cujos textos escritos mais antigos remontam a cerca de 1000 a. C., reproduzindo, tal como os *Vedas*, uma tradição oral de incalculável ancianidade.

Que nos ensinam estas arcanas e arcaicas fontes?

Começo por convidar o leitor a reler as notas 70 e 71, nas páginas finais, onde se enumeram os Períodos e as Épocas por que passou a evolução do nosso globo, bem como o que se expôs nas pp. 232-234 e 333-336, do presente volume. Segundo os Ensinamentos dos Mistérios Ocidentais, e recapitulando o que ficou dito, cada Dia de Manifestação divide-se em Sete Períodos, e em cada Período o nosso globo evolui durante sete Revoluções. Encontramo-nos neste momento a um pouco mais de meio da Quarta Revolução do Período Terrestre, na 5.^a Época (Ariana). Aqui repito a sequência das Épocas, para comodidade do leitor:

1.^a - Época Polar; 2.^a - Época Hiperbórea; 3.^a - Época Lemúrica; 4.^a - Época Atlante; 5.^a - Época Ariana (actualidade); 6.^a - Época Nova Galileia ou Reino de Deus; 7.^a - Última Época.

O curioso facto a que aludi acima, de que tanto nos *Vedas* como no Pentateuco bíblico não se mencionar a reencarnação, tem a ver com o que se passou nas duas Épocas anteriores à nossa, ou seja, a Época Lemúrica (3.^a) e a Época Atlante (4.^a).

Na Época Lemúrica, que terminou aproximadamente há um milhão e setecentos mil anos⁷, a humanidade de então, com uma constituição e um aspecto diferentíssimos

⁷ De acordo com um estudo, ainda em curso, sobre o paralelismo entre a História Geológica da Terra e a Evolução do Homem segundo os Ensinamentos Rosacruceanos, efectuado por ANTÓNIO MONTEIRO, autor de livros de inspiração rosacruceana como *A Ordem Rosacruz* (Europa-América 1985) e *O que é Fátima?* (Hugin 2000), a Época Polar do globo mais denso da 4.^a Revolução do actual Período Terrestre ter-se-ia iniciado há menos de 5 mil milhões de anos e terminou pouco depois, seguindo-se-lhe a Época Hiperbórea que terá findado há cerca de 4,5 mil milhões de anos. A Época Lemúrica iniciou-se a seguir, há cerca de 4,5 ou 4 mil milhões de anos e terminou aproximadamente há 1,7 milhões de anos,

dos que tem hoje, evoluiu desde uma fase plástica até à fase em que já possuía esqueleto interno. Logo, ou não deixou vestígios arqueológicos ou os que deixou foram classificados diversamente pela ciência, como por exemplo o *Ardipithecus ramidus* ou o *Australopithecus anamensis* ⁸. O que dos lemúricos se conhece, verdadeiramente, foi-nos transmitido em parte pelos Irmãos Maiores da Rosacruz e em parte por clarivisão na Memória da Natureza, através de textos registados por Max Heindel e Rudolf Steiner.

Naquela Época o ser humano ainda não tinha cérebro e era bissexual, e só os mais avançados de então receberam uma espécie de germe da Mente. Para que um cérebro, pleno receptor da Mente, pudesse ser construído, foi preciso separar a humanidade em dois sexos. Somente no final da Época Lemúrica é que se desenvolveu o sangue vermelho (energia marciana) que permitiu que o corpo se tornasse erecto e o Ego (Tríplice Espírito) pudesse começar a habitar dentro do corpo e a controlá-lo. Esta é a Raça que o Génesis descreve como «Adão» e «Eva», que simbolizam a Humanidade e a Vida nas fases primevas de *incorporação do Ego* com *separação dos sexos* e correlativa criação do *cérebro* e da *laringe*.

Antes disso, a humanidade lemúrica comum só tinha *percepção interna* : via directamente o Ego espiritual e portanto não *conhecia* a morte porque ao longo do transcurso de idades e idades, quando se inutilizava o corpo, os indivíduos entravam noutro («renasciam») completamente inconscientes dessa mudança. No entanto, o progresso referido atrás não se consumou na sua totalidade antes de meados da Época seguinte — 4.^a Época, Atlante — em que o ser humano adquiriu a Mente; só então o Espírito se tornou, em plenitude, um *Espírito interno*. Ao mesmo tempo, a densa atmosfera atlante começou a clarear e os homens passaram a ter a percepção do *mundo externo* com progressiva nitidez, tomando consciência do corpo em quanto invólucro físico-químico, de matéria orgânico-mineral.

Essa conquista acarretou-lhes em contrapartida a perda da visão interna e dos mundos invisíveis, tornando-os conscientes da *morte* e da *separação* material dos corpos. É a fase descrita no Génesis através do episódio em que Caim, que simboliza a entrada do Espírito na materialidade, mata Abel, símbolo da visão interna e do conhecimento espiritual que a humanidade tivera até então. Nas palavras de Corinne Helene, tal facto «conduziu à ilusão da separatividade e à tragédia que decorreu de se ter

seguindo-se-lhe a Época Atlante que terminou há cerca de 12.000 anos, dando lugar à presente Época Ariana em que nos encontramos.

⁸ Continuo a reportar-me ao excelente estudo de António Monteiro referido na nota anterior.

perdido a consciência da unidade fundamental expressa na fórmula: *a Paternidade de Deus e a irmandade dos homens*. Esta perda da sensação de um universal parentesco com tudo o que vive fez do homem um fugitivo e um vagabundo, um viandante arredado da presença do Senhor, nas terras de Nod, ou seja: nas trevas» (*New Age Bible Interpretation*, vol. I, 6.^a ed. revista 1990).

Não é difícil agora compreender que tradições antiquíssimas como os *Vedas* ou os primitivos livros bíblicos, que ignoram os renascimentos sucessivos, fazem-no porque se reportam aos perdidos tempos da Época Lemúrica e à primeira metade da Época Atlante, em que a humanidade possuía consciência interna e portanto consciência da **continuidade de vida**, e não tinha a noção da morte nem do (re)nascimento; daí o dizer-se que figuras dessas remotas eras, de óbvio simbolismo, duravam séculos e séculos, como por exemplo Adão que viveu 930 anos, ou Seth que viveu 912, Kenan 910, Jared 962, Matusalém 969, Noé 950, etc. etc.

Por sua vez as fontes mais recentes, como por exemplo os tardo-védicos *Upanishads*, o budista *Bardo Thödol* ou o *Bhagavad-Gîtâ* já relatam as tradições da segunda metade da Época Atlante e posteriores, em que a separatividade se instalou e as intermitências de nascimento, morte e renascimento se tornaram realidades físicas, dolorosamente aparentes.

Ora bem. Antes de nos pormos aqui a esmiuçar a eventualidade duma possível conciliação entre a tradição dos renascimentos e o Cristianismo, não é descabido começarmos por averiguar: Será que existem provas da realidade das reencarnações, ou renascimentos sucessivos?

De uma maneira muito breve e generalizada, posso dizer que tenho deparado com três tipos de testemunho:

1 — O de pessoas que na presente existência se recordam, de alguma maneira, de vidas passadas, quer espontaneamente, como no caso de certas crianças, quer em transe hipnótico;

2 — Por mediumnidade, isto é: um espírito desencarnado «desce» ao mundo físico para se exprimir através dum «receptor» humano ou dum artefacto material ou tecnológico, e transmite informações do «além»;

3 — Por Iniciação, isto é: um ser humano que progrediu numa Escola de Mistérios e cumpriu todas as condições espirituais e rituais, e tenha adquirido a capacidade positiva de «viajar» conscientemente na Região Etérica, no Mundo do

Desejo, ou Astral, e na Região do Pensamento Concreto, ou dos Arquétipos, pode trazer de lá determinadas informações.

Vejamos um por um.

1. Recordação — São tantos os livros que tratam de recordações de vidas passadas que nem me atrevo a indicar bibliografia sobre o assunto, pelo espaço que ocuparia. Procurarei ater-me aos que considero mais fiáveis em termos de pesquisa académica. Um dos primeiros que teve grande repercussão na opinião pública, bem como nos meios médicos, foi *Many Lifetimes* (Londres 1967), escrito pelo psiquiatra inglês Denys Kelsey em colaboração com sua mulher Joan Grant, conhecida médium no mundo anglo-saxónico. Nesse livro o Dr. Kelsey relata como começou a utilizar a hipnose regressiva nos anos 50 do século XX, no departamento de Psiquiatria do hospital onde trabalhava, e como descobriu com a surpresa que se adivinha (ele era agnóstico) que determinados pacientes se curavam ao recordarem, sob hipnose, acontecimentos marcantes de vidas passadas. Obviamente as críticas não se fizeram esperar, uma vez que havia sempre a possibilidade de o paciente imaginar credulamente uma fantasia reportando-a a uma suposta vida anterior.

Todavia, o grande clássico sobre o assunto já havia sido publicado nos EUA no ano transacto, da autoria do médico psiquiatra Ian Stevenson: é o volume 26 dos *Proceedings of the American Society for Psychical Research*, e intitula-se *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation* (1966), cuja 2.^a edição revista, de 1974, continua a ser obra de referência, e caracteriza-se sobretudo pela metodologia clínica e o rigor quase obsessivo com que examina testemunhos de crianças que se recordam espontaneamente de situações concretas e verificáveis do passado. O Dr. Stevenson, que foi antigo director do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Virginia e é actualmente director da «Division of Personality Studies» da mesma Universidade, não tem deixado desde então de prosseguir as suas investigações nesse campo. Ao longo de 40 anos de carreira já estudou mais de 3.000 casos em todo o mundo e num dos seus últimos trabalhos, *Where Reincarnation and Biology Intersect* (Westport 1997), documenta com fotografias uma impressionante selecção de exemplos, sem se desviar do rigor científico nem se deixando atrair pelo uso de linguagem filosófica, religiosa, paranormal ou especulativa. É notório o seu empenho em acumular factos que ele reputa autênticos após um severo escrutínio cuja metodologia descreve num dos capítulos do livro.

Outros cientistas e investigadores da mesma linha, academicamente credenciados, como por exemplo a antropóloga Antonia Mills ou os doutores Brian L. Weiss, Jürgen Keil e Erlendur Haraldsson, têm visto os seus trabalhos aceites e divulgados em reputadas revistas e publicações médicas e científicas de âmbito internacional.

Uma das principais objecções contra o facto de alguém se recordar, espontaneamente ou sob hipnose, de ter sido por exemplo feiticeiro ou princesa no século XV, descrevendo situações ou objectos com extraordinário pormenor, consiste na possibilidade de se tratar de uma forma de perturbação designada em psiquiatria como «síndrome da falsa memória», bem conhecida e estudada pelos psicoterapeutas. O paciente pode ter tido acesso a uma informação de qualquer tipo, há tanto tempo que já se lhe tenha varrido da memória *consciente* — incluso em fase intra-uterina, como a investigação psicanalítica já demonstrou: existe sempre a possibilidade de a mãe grávida ter tido contacto com determinada informação, de que o feto se «apropria» —, e essa informação alheia pode ser recuperada num momento posterior, exteriorizando-se vividamente como recordação de algo que o sujeito atribui ao seu próprio passado. E já nem falo na hipótese de uma mera sugestão induzida pelo entrevistador, ou analista, mesmo de boa-fé, originando o fenómeno a que os psiquiatras americanos chamam «implanted recollections».

A Dr.^a Helen Wambach, que nos anos 60 do século XX trabalhava como psicóloga e terapeuta do Centro Médico de Monmouth, em New Jersey, tentou uma nova abordagem que obviasse aquela objecção, e que ela descreve no seu livro *Reliving Past Lives: The Evidence under Hypnosis* (1978). Procurou explorar o método estatístico, isto é, com uma amostragem de mais de mil homens e mulheres que se recordaram de vidas passadas sob hipnose, anotou e enumerou as classes sociais e profissões em cada época e lugar, entre outros elementos, e agrupou-os estatisticamente de acordo com os dados factuais da História. Surpreendeu-se ao verificar que os registos das encarnações passadas dos sujeitos — que ignoravam essas percentagens — quando classificados e agrupados estatisticamente coincidiam com o que seria de esperar, para cada sociedade e respectivo tempo, com a correlata percentagem de cavaleiros, mercadores, eclesiásticos, príncipes ou camponeses... entre outros dados, incluso raças, distribuição de sexos, densidades populacionais, etc.

Penso todavia que a principal objecção que se pode levantar contra a validade de uma regressão a uma vida anterior, fantasiada ou mesmo verdadeira, é a que apresenta o

Dr. Melvin Morse no seu livro *Where God Lives* (New York 2000), onde descreve várias regressões a vidas passadas e acrescenta:

Outros aspectos deste fenómeno merecem uma investigação mais aprofundada. Por exemplo, há registos de casos de duas crianças diferentes que vivem em cidades distanciadas e que se recordam de ter sido a mesma personagem em uma vida anterior. Uma vez que não é possível que essa personagem do passado tenha reencarnado ao mesmo tempo em duas crianças diferentes, este caso só pode ter uma explicação plausível: é que ambas as crianças, de algum modo, interceptaram e captaram algo do «banco de memória pessoal» que persistiu após a morte dessa personagem de uma outra época. (*Op. cit.*, p. 63).

Voltamos aqui ao controverso tema da «memória extra-cerebral», defendida pelos seguidores da teoria dos campos mórficos de Sheldrake (ver nota 83). O Dr. Morse advoga no seu livro a existência de um «banco universal de memória», um lugar externo ao cérebro físico de cada pessoa onde todas as memórias individuais estão armazenadas; em certas condições excepcionais, um determinado cérebro pode sintonizar-se com uma linha de memória diferente da que lhe é própria. Trata-se sem dúvida de uma explicação ousada embora verosímil, apoiada por muitos dados observacionais e que tem pelo menos a seu crédito o facto de o Dr. Melvin Morse não ser nenhum guru místico nem nenhum arauto da «New Age», mas um cientista respeitado e um consciencioso investigador. Curiosamente, a título particular e à margem da sua pesquisa científica, confessa estar convencido de que a reencarnação é uma realidade...

Seja como for, não é pelo método das recordações ou das regressões que se poderá estabelecer, de um modo incontestável, a doutrina dos renascimentos ainda que as regressões sejam de autênticas vidas anteriores, porque subsistirá sempre a dúvida de poder tratar-se duma falsa memória, duma coincidência ou duma repescagem no banco de memória universal.

2. Mediumnidade — A invocação dos chamados «mortos» através de um médium, da mesa pé-de-galo, da prancheta *Oui-Ja*, etc. é uma prática perigosa e vivamente desaconselhada pelos Irmãos Maiores da Ordem Rosacruz. São bem reais os perigos de obsessão a que o médium está exposto, ou mesmo quem, não sendo médium,

assista às sessões espíritas: se é certo que por vezes se manifestam entidades benévolas, não é menos verdade que muitos dos «espíritos» que acodem à chamada são entidades grosseiras, ardilosas e até malignas do baixo astral, que fingem ser esta ou aquela figura conhecida; mas, mais grave que tudo, NÃO se deve incomodar de modo algum quem tenha passado para o lado de lá e esteja a fazer o seu regular percurso nos mundos espirituais.

O pensador português Sampaio Bruno (1857-1915) é tão directo que chega a ser ferino, pela forma como condena tal prática na sua obra *A Ideia de Deus* (1902):

A transcendentalidade é insusceptível de estupro. Oferece-se, coqueteia connosco; faz-nos negaças. Mas a conquista é impossível. Retira-se, irritada, perante a brutalidade do espiritismo, que é uma impertinente importunidade. Um caixeirola frívolo faz dançar uma mesa de pé-de-galo. Os espíritos têm de acudir prestes, a aturar as maçadorias do marçano ocioso. O espiritismo é um erro, porque o que é o espiritismo? É a subordinação da liberdade da transcendentalidade à vontade prepotente do homem. (*Op. cit.*, reed. 1987, pp. 105-106).

No entanto é um facto que essas comunicações existem e persistem, e são às toneladas os livros e publicações que transcrevem os mais variados textos e mensagens do além. Acresce que desde 1959 as experiências de Friedrich Jürgenson, em Estocolmo, revelaram ser possível captar, por meio de aparelhagem electrónica, vozes e imagens do «outro mundo» com informações de todos os tipos. Essas experiências foram retomadas por outros investigadores e prosseguem até aos nossos dias com os meios mais sofisticados, e vários livros as relatam.

Que nos diz o gigantesco acervo de comunicações recebidas do «além-túmulo» sobre a realidade ou não-realidade da doutrina dos renascimentos?

Descontemos o facto de a maioria dessas mensagens serem bagatelas ou fraudes, do que já se lamentava o filósofo Leonardo Coimbra (1883-1936) na sua obra mestra *A Alegria, a Dor e a Graça* (1916): «... As suas comunicações são, porém, sempre banais e nunca superiores à pobre vida terrestre. [...] Comunicar com o Mistério e ouvir banalidades é bem pior que escutar o seu formidável Silêncio» (reed. Porto 1956, p. 149). O próprio Eliphas Lévi, famoso ocultista do século XIX que se gabava de comunicar com o além, queixou-se no seu livro *La Science des Esprits* que um dia, ao

abrir um número de *Vérité*, jornal espírita de Lyon, encontrou transcrito um texto seu (a «Introdução» ao seu livro *Histoire de la Magie*) como sendo uma comunicação espírita de Platão!

Resumamos o ponto. O teólogo católico François Brune, que tem participado em diversas experiências de «comunicação com os mortos» através de tecnologia electrónica, aliás com o maior interesse e entusiasmo como ele próprio descreve no seu livro *Les Morts nous Parlent* (1989), reconhece todavia que as informações providas dos que já partiram e se encontram nos mundos invisíveis não são concludentes na maior parte dos casos; no que respeita à reencarnação, limita-se a constatar: « ... As vozes do além, recebidas em fita magnética, estão muito longe de encerrar o debate [...] Recebe-se de tudo, desde: “Mas com certeza, a reencarnação existe, toda a gente passa por ela”, até: “Absurdo! Não há reencarnação”, alternando com: “Não faço a menor ideia”. Os outros métodos de comunicação com o além tão-pouco conseguem ser mais unânimes» (*Op. cit.* pp. 221-222).

Enfim, está-se mesmo a ver que não é por aqui que vamos conseguir saber, mais uma vez, o que realmente se passa quanto à verdade ou não da doutrina dos renascimentos.

3. Iniciação — Estudando as obras de Max Heindel e de Rudolf Steiner, independentemente das profundas diferenças, sobretudo de método, que os dividem, somos forçados a reconhecer o rigor e a probidade com que abordam os temas espirituais e o indiscutível conhecimento directo que ambos possuem da Escola de Mistérios Rosacruzes. Diz-nos Max Heindel no *Conceito Rosacruz do Cosmo* :

As investigações revelam que em todos os sistemas religiosos existe um ensinamento reservado aos do círculo interno e que não é transmitido às maiorias. Assim, o Cristo falou às multidões em parábolas, mas explicou o respectivo significado oculto aos discípulos, a fim de que pudessem entendê-las de uma maneira mais conforme às suas mentes desenvolvidas.

[...] A Ordem dos Rosacruzes não é uma mera sociedade secreta. É uma das Escolas de Mistérios, e os Irmãos são Hierofantes dos Mistérios Menores, Guardiães dos Ensinamentos Sagrados e constituem uma força espiritual mais potente na vida do Mundo Ocidental do que qualquer dos

governos visíveis. Todavia, procuram não intervir directamente na humanidade a fim de não interferir com o seu livre-arbítrio.

[...] É possível viver sob o mesmo tecto e em estreita intimidade com o Iniciado de qualquer Escola, mas o segredo permanecerá sempre oculto no seu peito até que o amigo tenha atingido aquele ponto em que pode converter-se num Irmão Iniciado. A revelação dos segredos não depende da Vontade do Iniciado, mas das qualificações do aspirante.

Os superiores seres humanos a que Heindel chama Irmãos Maiores — *Elder Brothers* — são denominados Mestres de Sabedoria por Steiner, e a misteriosa e inapagável gravação de imagens nos mundos invisíveis de tudo o que aconteceu e vai acontecendo é designada como *Memory of Nature*, «Memória da Natureza», pelo primeiro, ao passo que o segundo prefere a expressão *Akasha Forschung*, «Pesquisa Akáshica», e também *Akasha Chronik*, «Registo Akáshico» ou «Crónica do Akasha».

Dê-se-lhe um nome ou outro, não há dúvida que tanto Heindel como Steiner tinham poderes clarividentes positivos, e muitos dos conhecimentos que transmitem nas suas obras foram obtidos directamente por investigação na Memória da Natureza, e — pelo menos no caso de Heindel — por instruções e directivas de um dos doze Irmãos Maiores da Rosacruz. Por outro lado, possuímos informações seguras que Max Heindel tinha a 4.^a Iniciação Menor da Escola de Mistérios Rosacruzes, o que lhe dava acesso iniciático à Região do Pensamento Concreto, ou dos Arquétipos.

Tal como o Corpo Etérico do ser humano é constituído por quatro éteres de densidades diferentes, sendo o mais ténue e subtil o Éter Reflector (cf. nota 104), também o mesmo ocorre na Região Etérica do nosso planeta. O Éter Reflector do globo terrestre tem esse nome porque as imagens nele inscritas são como que *reflexos* da Memória da Natureza, ou, por outras palavras, reflexos dos pensamentos, imagens, actos, sensações, etc. que ficam perenemente registados numa zona muito mais fina, a subdivisão mais elevada da Região do Pensamento Concreto — o verdadeiro lar da mente humana.

Um clarividente principiante, e não muito treinado, pode ter acesso aos registos do Éter Reflector, mas as imagens que obtém dos acontecimentos passados são indistintas, invertidas e pouco fiáveis. Se perseverar na senda, porém, nunca deixando de ser diligente no amor ao próximo, no inegoísmo e no bem-fazer, bem como nos treinos e exercícios apropriados a cada grau iniciático, ascenderá ao longo da Senda das

Iniciações até obter a visão que lhe permita perscrutar a real Memória da Natureza, ou seja, os verdadeiros Registos Akáshicos da Região Mental (4.^a Iniciação Menor), onde todas as imagens, todos os actos, todos os pensamentos mesmo os mais secretos, da pessoa ou do acontecimento passado que está a investigar, lhe serão transmitidos duma maneira tão íntima como global e instantânea, e em tal plenitude, que os que passaram por essa exaltante experiência reconhecem a dificuldade, senão mesmo a impossibilidade em certos casos, de a subdividir e alinhar em palavras e frases minimamente coerentes, na nossa fruste e fragmentária linguagem⁹.

A investigação Akáshica de Max Heindel acerca dos renascimentos, que ele refere em algumas das suas obras, levam-no a assegurar que sim, que a lei dos renascimentos é real, e que na evoluída humanidade esses renascimentos nunca implicam uma regressão — a um corpo de animal ou de planta, por exemplo, como postulavam (e ainda postulam) certas metempsicoses equívocas. O conceito de renascimento é indissociável do conceito de progresso: muito esquematicamente, o Espírito evolucionante utiliza um *novo* corpo humano a fim de *se enriquecer* com uma *nova* experiência. Aliás já as antigas Escolas de Mistérios reconheciam a impossibilidade de um Espírito humano ingressar, por reencarnação, num corpo animal cuja onda de vida está sujeita a um Espírito-Grupo de natureza totalmente distinta da peculiar natureza humana:

A passagem para naturezas irracionais é contrária à natureza das almas humanas, tal como os Oráculos Caldaicos ensinam quando dizem: Esta é a lei dos Benditos e nada a pode transgredir; na verdade, a alma humana prossegue de novo a sua existência em seres humanos e não em animais. (*Oráculos Caldaicos*, cit. em PROCLUS, *Institutio Theologica*, séc. V d. C.).

Uma vez separada do corpo, e após ter vencido a luta da piedade, que consiste em conhecer a Deus e em não maltratar ninguém, tal alma converte-se toda ela em inteligência. Porém a alma ímpia permanece na sua própria essência e castiga-se a si mesma buscando um corpo terrestre no qual entra, um corpo humano, porque outro corpo não pode receber uma alma humana, e esta não poderia cair no corpo de um animal desprovido de razão: uma Lei

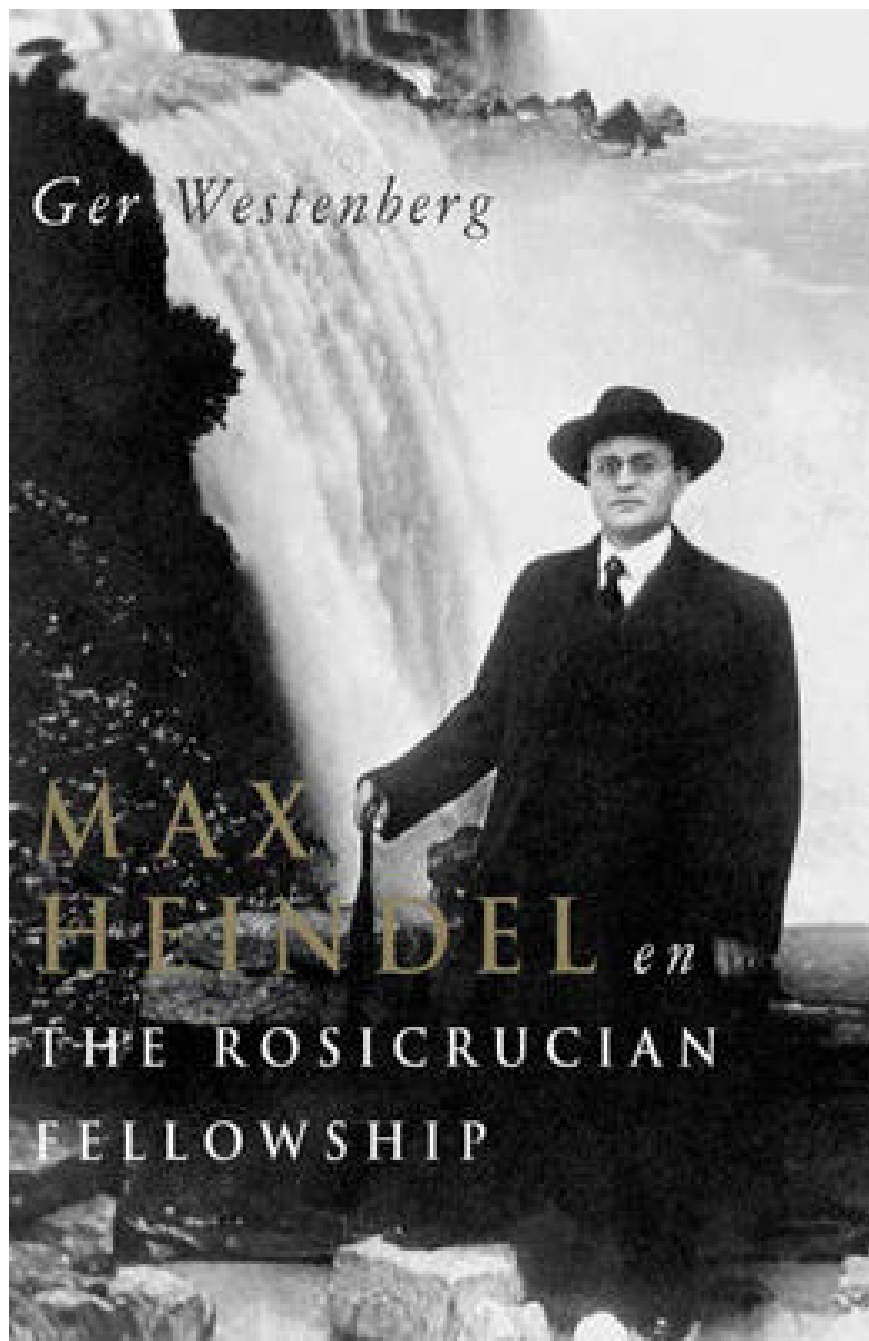
⁹ Existe ainda um terceiro nível, mais elevado, de Memória da Natureza, no Mundo do Espírito de Vida, que, de acordo com as informações transmitidas pelos Irmãos Maiores da Ordem Rosacruz, alcança a completude do actual Dia Septenário de Manifestação desde o seu início, de uma maneira sublime e indescritível, visto estar em contacto com a mesma Sabedoria Cósmica. É apenas acessível aos Adeptos. Cf. MAX HEINDEL, *The Rosicrucian Philosophy in Questions and Answers*, vol. 2, pp. 212-213.

Divina preserva a alma humana de uma tal afronta. (*Corpus Hermeticum*, I, 10).

Max Heindel assevera ter acompanhado diversos casos sob orientação do Irmão Maior, casos esses que, segundo relata, não lhe deixaram lugar a dúvidas quanto à veracidade e à generalidade do processo: pôde investigar, por exemplo, as vidas de pessoas em sentido inverso, revendo-as até à infância, recuando ao nascimento, à gestação no útero da mãe, à entrada do Espírito no embrião, acompanhar esse Espírito durante a vida celeste, e em seguida, e sempre para trás, durante o período purgatorial, até ao momento da morte no final da vida anterior...

Podemos aceitar este testemunho como verídico ou não, mas mesmo que a idoneidade moral e a sinceridade de Heindel estejam acima de toda a suspeita e as observações que ele nos transmitiu correspondam a uma verdade indisputável, subsiste sempre um óbice: as observações dele foram limitadas, evidentemente não pôde verificar todos os casos do Mundo e da Eternidade, e os poucos ou muitos que explorou não preenchem as condições mínimas exigíveis, em quanto amostragem, para a probabilização de um universo estatístico universalmente válido.

Que conclusão legítima poderemos extrair daqui?



Carl Louis Frederick Von Grasshoff

(MAX HEINDEL)

1909-1919

UM CICLO DE VIDA



Este quadro mostra a passagem do Ego, que é representado pelo círculo, na parte superior do diagrama, através do Purgatório; dos vários Céus, e a sua volta ao Renascimento; e também as épocas setenárias da vida terrena.

Fonte: Max Heindel, *Conceito Rosacruz do Cosmos*, Lisboa: Fraternidade Rosacruz de Portugal, 1989

Versão online: <http://www.fraternidaderosacruz.org/conceito.htm>

De glória em glória

Recapitulemos:

— As técnicas de recordação e de regressão não provam a lei dos renascimentos, porque nunca é de excluir a possibilidade duma falsa memória, duma coincidência¹⁰ ou duma repescagem no banco de memória universal;

— As respostas obtidas por mediumnidade são tão díspares e contraditórias entre si que acabam por se tornar inválidas e inconclusivas;

— As observações levadas a cabo por Iniciados experientes e fidedignos, como Max Heindel e Rudolf Steiner, apenas revelam que há renascimentos nos casos observados, o que não basta para demonstrar que estamos perante uma *lei geral da Natureza*.

Sem dúvida que essa lei geral é postulada, senão mesmo exigida nos Ensinaamentos da Sabedoria Ocidental da Escola de Mistérios Rosacruzes; mas não esqueçamos que esta Escola de Mistérios é apenas uma das sete do mundo, e o que é válido para uma não é necessariamente válido para as restantes, pelo contrário, as respectivas diferenças vibracionais contra-indicam que se tente alguma forma de sincretismo entre as instruções e as práticas de umas e de outras, uma vez que cada uma está subordinada a um Raio diferente e a um só, dos Sete Raios.

Ficamos quando muito a saber que determinados segmentos da humanidade passam pela lei das reencarnações sucessivas, o que não significa que outros segmentos ou, em casos especiais, certos indivíduos, lhe estejam obrigatoriamente sujeitos. Mesmo nos casos em que uma religião ou uma escola mística afirme a realidade dos renascimentos, não é raro depararmos com diferenças e antinomias abissais entre as respectivas ramificações e tendências.

Tomemos por exemplo o Budismo, com suas Dezoito Escolas e ulteriores sistemas e fases.

¹⁰ O conhecido conceito junguiano de «sincronicidade» já tem sido invocado por certos investigadores para explicar o fenómeno das memórias reencarnacionistas.

Se lermos o *Bardo Thödol* ou Livro dos Mortos Tibetano, da Tradição Mahâyâna, ficamos a saber que o «princípio consciente» ou o «Conhecedor» do defunto se mantém como que adormecido durante os três dias e meio ou quatro dias subsequentes à morte; após o que desperta para um novo nível de consciência onde é confrontado com visões, ou formas-pensamento criadas pelo seu estado mental e pelo seu carma pessoal, a que o *Bardo Thödol* chama «Divindades Pacificantes» e «Divindades Coléricas». Se o defunto as reconhece como ilusões e as vence, deixa de ficar sujeito à «roda dos renascimentos» e atinge a «Libertação»; se for um místico que tenha sabido meditar na «Grande Perfeição» e no «Grande Símbolo», renasce em mundos espirituais muitíssimo mais elevados; mas os humanos vulgares que se deixarem aterrorizar por aquelas formas ilusórias, têm de voltar a «ingressar no útero materno», ou seja, têm de reencarnar em uma nova vida terrestre. — Em suma: só os que não souberam vencer-se a si mesmos é que reencarnam. Os fortes e os santos ficam libertos e não voltam de novo à terra.

Em contrapartida, no mesmo Budismo mas em escolas da Tradição Theravâda encontramos uma concepção totalmente distinta: a reencarnação é um acto instantâneo e automático, tal como uma lei inexorável da Física, e obrigatório para todos. O Ven. Nyanatiloka Mahathera, do Sri Lanka, resumiu do seguinte modo o conceito de renascimento numa das conferências que proferiu em Colombo (*Karma and Rebirth*, Buddhist Publication Society, Kandy 1959):

O moribundo, cujo ser no seu todo se aferra convulsamente à vida, no instante em que morre arremessa as suas energias cármicas que, como um relâmpago, atingem o útero de uma nova mãe pronta para a concepção. Assim, devido ao ingresso das energias cármicas num óvulo e num espermatozóide, emerge a chamada célula primária, tal como um precipitado.

O processo é comparável ao funcionamento das «vibrações aéreas» produzidas por meio da fala, as quais, ao colidirem com o órgão acústico de uma outra pessoa, dão origem ao som, que é uma sensação puramente subjectiva. Não se trata de nenhuma transmigração de uma sensação sonora, mas simplesmente de uma transferência de energia a que chamamos vibração do ar. De modo semelhante, as energias cármicas enviadas pelo indivíduo que morre produzem um novo ser embrionário, cujo material físico é fornecido pelos pais. Não há por conseguinte nenhuma transmigração de

um ser real, ou de uma entidade-alma, mas simplesmente uma transmissão de energia cármica.

Abstenho-me de comentar a total incompatibilidade entre esta concepção budista da Tradição Theravâda e a anterior da Tradição Mahâyâna: é muito possível que se trate de um pormenor sem importância nenhuma, até porque provavelmente ambas têm razão... Com efeito, por que motivo o destino pós-morte dos humanos há-de ser idêntico para todos os conjuntos de grupos populacionais, ou mesmo para cada pessoa, caso a caso?

O próprio Jesus o deu a entender numa frase que proferiu e que já vou citar daqui a pouco.

Um dos mais interessantes e profundos autores que estudaram o Rosacruzianismo, Yvon Le Loup (1871-1926), que frequentou os meios esotéricos e os grupos iniciáticos do seu tempo, onde pontificavam Papus e Stanislas de Guaita, teve um dia uma revelação espiritual intensa segundo ele mesmo descreve no seu livro *Initiations* (1924), devotou-se totalmente a Cristo Jesus e à divulgação dos Seus mistérios e adoptou o *nomen mysticum* Sédîr, anagrama de *désir* — em homenagem a um outro grande mestre do ocultismo, Louis-Claude de Saint Martin (1743-1803), autor da obra-prima *L'Homme de Désir* (1790). Diz Sédîr em dado passo do seu livro *Les Guérisons du Christ* :

Antes do Verbo descer à terra os humanos eram obrigados a pagar integralmente as suas dívidas; esta lei foi chamada «do carma» pelos hindus e «de talião» por Moisés. E uma vez que os pecadores, durante todo o tempo que demoravam a liquidar a dívida, contraíam novas dívidas através de novos pecados, pois o mal uma vez semeado desenvolve-se por si, e multiplica-se, os pagamentos multiplicavam-se também, indefinidamente, e o sofrimento humano ia-se alongando por um período indefinido. Em resumo: o homem não pode salvar-se sozinho.

Este advérbio, «indefinidamente», subentende que a humanidade de procedência adâmica estava sujeita à lei dos intermináveis ciclos de morte-e-renascimento, porque essa era a única maneira de se irem saldando as «dívidas do destino» que se acumulavam. Tornou-se assim indispensável a vinda do *Logos*-Redentor para «salvar o

que estava perdido», ou seja, para trazer eficaz solução ao progressivo amontoado de miséria e do mal, e Sédir remata, na continuidade:

Mas os sofrimentos voluntários e inocentes do Verbo incarnado em Jesus Cristo têm por fim pôr à disposição do pecador que se arrepende os remédios inesgotáveis da misericórdia divina, ao que a teologia chama a Graça, porque tais remédios são sempre gratuitos. Vêm, com efeito, do Absoluto; por conseguinte, o menor deles vale infinitamente mais, por sua própria natureza, do que os méritos duma criatura do Relativo, por muito colossais que tais méritos sejam.

Cristo veio abrir-nos a porta para que nos libertemos da «roda do *samsâra*», ou da cadeia dos renascimentos sucessivos... o que não quer dizer que todos os cristãos tenham ficado libertos dessa lei cíclica só pelo facto de se intitularem cristãos, por mais devotos que pensem ser!

Os que pretendem ver na Bíblia, e sobretudo no Novo Testamento, alusões indiscutíveis à doutrina dos renascimentos invocam quase sempre os mesmos exemplos, misturando-os, o que é incorrecto porque na verdade aquelas alusões são pelo menos de duas espécies distintas:

1. Referência a opiniões correntes — Em diversos passos bíblicos os respectivos autores limitam-se a registar crenças de vários tipos, comuns nos tempos de Cristo, como crenças mágicas, reencarnacionistas, ressurreccionistas ou outras, das quais já citámos alguns exemplos: um profeta antigo teria reencarnado em Jesus (Lucas 9, 8.19); o espírito do assassinado João Baptista teria «ingressado», com seus poderes, no corpo de Jesus (Marcos 6, 14); Marta acreditaria, tal como os fariseus, na ressurreição judaica «no último dia» (João 11, 24); etc. — Neste grupo se inclui o famoso episódio da cura do cego de nascença (João 9, 1-3), em que os discípulos perguntam ao Cristo: «Rabbi, quem pecou [errou], este ou seus pais, para que nascesse cego?», ao que Ele respondeu «Nem ele errou nem seus pais», parecendo que dá por assente que alguém possa ter pecado ou errado antes de ter nascido. Com efeito, se alguns fariseus acreditavam na reencarnação, também é verdade que corria entre os judeus, nessa época, a esquisita crença de que alguém podia pecar mesmo em gestação no ventre da mãe, logo não seria descabido que nascesse com um defeito físico em

«castigo» desse «pecado» intra-uterino. Jesus nem se deu ao trabalho de refutar uma ou outra dessas possíveis crenças, porque a preocupação d'Ele era de ordem mais elevada, como sabemos e mais de uma vez acentuámos.

2. Erros de interpretação — Um episódio muito referido e apreciado pelos reencarnacionistas é aquele em que Jesus Cristo diz a Nicodemos: «Em verdade, em verdade te digo, se alguém não nascer de novo não poderá ver o Reino de Deus» (João 3, 3). Já tínhamos observado (ver nota 195) que todo este episódio (João 3, 1-21) é um ensinamento iniciático como deixam entrever as referências ao «nascer de Água e de Espírito» (João 3, 5), por exemplo, ou à relação entre a «Luz» e a «Verdade» (João 3, 19-21). Resulta claro, do contexto, que aquele ensino não se ocupa do aspecto particular dos renascimentos sucessivos e evolutivos, mas do «morrer cada dia a fim de despontar para a nova criatura», tema iniciático desenvolvido por Paulo e sua Escola (1 Coríntios 15, 31; Efésios 4, 22-24). Acresce ainda uma ambiguidade de tradução introduzida pela versão latina de Jerónimo: a expressão «nascer de novo» corresponde ao original grego *gennêthê anôthen*, que significa verdadeiramente «tenha sido engendrado ou parido de cima». O advérbio *anôthen*, «de cima», foi vertido na Vulgata por *denuo*, «de novo», e esta inflexão de sentido foi-se perpetuando nas sucessivas versões em línguas modernas a partir dessa tradução de Jerónimo. O texto correcto deverá então ser: «Em verdade, em verdade te digo, se alguém não for engendrado de cima não poderá ver o Reino de Deus».

Enfim, se virmos bem, só há uma ocasião em que o Cristo afirma que um seu contemporâneo já havia tido uma existência anterior, no seguinte passo de Mateus (sem paralelos), embora deixe uma elucidativa ressalva — e a esta me referia eu há pouco quando falei numa frase que Jesus proferiu dando a entender que várias alternativas são possíveis:

Desde os dias de João, o Baptista, até agora, o Reino dos Céus é assaltado [gr. *biazetai*, voz média de *biazô*, «forçar», «abrir caminho à força»] e os esforçados dele se apoderam. Porque todos os profetas e a Lei até João

profetizaram. E se quereis aceitá-lo, ele é o Elias que estava para vir. Quem tem ouvidos, oiça. — Mateus 11, 12-15 ¹¹.

Um importante autor da tradição esotérica cristã, Valentin Tomberg (1900-1973), que escreveu obras hoje clássicas de investigação oculta, foi durante algum tempo seguidor de Rudolf Steiner, tendo-se dedicado posteriormente ao estudo e prática dos Mistérios do Catolicismo. Entre as suas obras conta-se a «meditação hermética» *Lazarus, komm heraus!* [«Lázaro, vem para fora!»], que não chegou a concluir; foi publicada postumamente em Freiburg em 1985, e nela encontramos uma elucidação tão simples quão cristalina sobre o passo de Mateus acima transcrito:

O ponto de vista de que é possível viverem-se varias vidas repetidamente, na terra, pertence ao reino das opiniões livremente aceites ou rejeitadas. Dum modo particular, o próprio Jesus Cristo referiu este ponto de vista dizendo aos seus discípulos, a propósito de João o Baptista: «Se quereis aceitá-lo, ele é o Elias que estava para vir» (Mateus 11, 14). A expressão «Se quereis aceitá-lo» mostra clara e seguramente o facto de que o reaparecimento de Elias em João — e com ele toda a teoria das reencarnações — não pertence às verdades essenciais da salvação, mas à esfera das opiniões livremente aceites ou rejeitadas. Correlativamente, a antítese da reencarnação — ou seja, o ponto de vista de que só existe uma única vida na terra — também pertence ao reino das opiniões livremente abertas à aceitação ou à rejeição. (I Parte, Cap. II: «O Milagre da Ressurreição de Lázaro»).

Isto parece confirmar o que dissemos mais atrás, sobre a possível diversidade de destinos pós-morte dos humanos, não necessariamente idênticos para todos os tempos, para todos os povos, incluso para todos os indivíduos, pois não se me afigura concebível que a Eternidade esteja sujeita a uma só lei férrea, cega e sem nenhum discernimento nem inteligência. As próprias Doutrinas Rosacruz reconhecem e elucidam-nos que os Anjos do Destino cuidam do percurso de cada Espírito, sobretudo nos reinos invisíveis, atendendo às necessidades evolutivas de cada grupo e de cada ser.

¹¹ Uma interpretação oculta desta passagem vem exposta em *Instruções Iniciáticas* (ed. cit.), pp. 253-256.

Se me é permitido emitir a minha humilde opinião pessoal, penso que os renascimentos são *um facto* em muitos dos casos observáveis, de acordo com as investigações e os ensinamentos transmitidos por Max Heindel, facto esse que permite, pelo menos, explicar um aparente escândalo em que toquei lá muito para trás e não se justifica de outro modo: *o sofrimento das crianças*.

De acordo com as Doutrinas Rosacruz, quando os veículos superiores dum indivíduo abandonam o Corpo Denso pela morte, e após a passagem pela revisão e expurgação purgatorias, o espírito purificado ascende ao Primeiro Céu (o Seio de Abraão!) onde terá a grata alegria de sentir as bênçãos de todo o bem que espalhou durante a vida terrena, e onde as pessoas de elevadas aspirações — artistas, filósofos, cientistas, místicos... — encontram todo um mundo inspiracional de cor, de conhecimento e de beleza. Após um certo lapso de tempo, sobe ao Segundo Céu onde assimila todos os frutos da vida passada e prepara o ambiente para uma nova existência na Terra. Finalmente quando se eleva à harmonia inefável do Terceiro Céu, fortifica-se para a próxima imersão na matéria: o Tríplice Espírito do indivíduo encontra-se então na sua pureza mais luminosa, sem nenhum veículo de qualquer material que o envolva (seja mental, astral, etérico ou denso). Os Anjos do Destino, quatro Anjos de excelsa sabedoria e evolução, e os seus auxiliares, ajudam o Espírito a escolher as possibilidades que se lhe oferecem para um novo renascimento: nesse elevadíssimo grau vibratório o Espírito vê todo o seu passado e compreende o alcance do programa que tem à frente para melhorar e evoluir, e, de acordo com o seu livre-arbítrio, faz a escolha possível dentro dos parâmetros e condicionamentos cármicos que ele mesmo engendrou e acumulou.

Esta existência *post-mortem* nos reinos invisíveis pode chegar a durar cerca de mil anos — enfim, mais ou menos, dependendo dos casos —, o que, do ponto de vista do ser humano no Mundo Físico, é praticamente uma eternidade!

No Terceiro Céu, a cognição abrange um campo inexprimivelmente subtil e distanciadíssimo das limitações da matéria, e um Espírito cheio de desejo de evoluir pode querer «despachar» o mais depressa possível o carma negativo, ou o destino maduro acumulado, optando, no seu «celestial» entusiasmo, por redimir grande parte dele nas primeiras fases da vida que se vai seguir. (É esta a explicação que encontro para toda a carga de sofrimentos por que passei em criança, e que resumi no princípio deste livro: se bem me conheço, sempre tive a mania de aviar rapidamente e em primeiro lugar as tarefas desagradáveis, para me ver livre delas o mais depressa

possível...) O pior é quando nos vemos no corpo físico, simultaneamente tão grosseiro e tão frágil, e o que nos parecia «fácil» quando visto das empíreas e sublimes alturas, surge-nos agora doloroso, excessivo e mesmo insuportável no calabouço da pesada matéria... mas a escolha foi nossa e teremos de cumprir o que nós próprios decidimos espiritualmente.

Voltando entretanto ao nosso argumento:

Uma vez que as Igrejas cristãs repudiam o modelo escatológico dos renascimentos, não podemos deixar sem resposta a inquietação de muitos crentes sinceros que almejam por saber até que ponto é possível — não obstante essa oposição «oficial» das Igrejas — conciliar o Cristianismo com aquele modelo. Tal dúvida pode constituir, até, um dramático ónus na consciência espiritual de muitas pessoas. Respigo da Internet um texto confessional dum cristão, fervoroso estudante da Bíblia, que concluiu pela realidade das reencarnações e esbarrou no inevitável dilema: «Sempre me pareceu que o Cristianismo é das poucas religiões que não acredita na reencarnação. Então a dúvida que se me põe é a seguinte: Será que esta expansão do meu *sistema de crença* exige que abandone a minha *experiência cristã* e busque alhures um *sistema religioso* através do qual eu possa progredir espiritualmente? Ou será que posso manter-me a acreditar nas reencarnações e aceitar ao mesmo tempo os ensinamentos e a autoridade de Jesus Cristo?» (Mark J. Brewer).

Claro que a resposta à última pergunta é «sim» — é perfeitamente viável conciliar ambas as posições. Há quem queira ver referências indirectas à doutrina dos renascimentos em certas passagens bíblicas como por exemplo: «Sereis, pois, perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito» (Mateus 5, 48), ou: «Quem crê em mim, as obras que eu faço também as fará, e maiores que estas fará» (João 14, 12), argumentando que é objectivamente impossível concretizar tão altos ideais numa só vida terrena. Sem dúvida, mas também não podemos esquecer que existem outros níveis de existência suprafísica onde a nossa evolução espiritual se pode realizar, além de que muitos dos *logia* de Jesus têm sobretudo um alcance iniciático...

Orígenes dedica um desenvolvido estudo a esta problemática no seu *Comentário ao Evangelho de João*, VI, 62-87. O termo que utiliza é *metensomatôsis*, «transmigração de corpo em corpo». Orígenes, um dos mais eminentes eruditos do Cristianismo primitivo, nasceu em Alexandria, no Egipto, por volta do ano 185 d. C.; foi discípulo do fundador do neoplatonismo, Ammonius Saccas, dirigiu a famosa Escola de Alexandria e, após várias viagens e uma vida intensa e atormentada, veio a morrer no

ano 253 em Tiro (Fenícia), na Síria romana. Sobretudo na sua obra mestra *Peri archôn*, mais conhecida pelo título latino *De Principiis* («Acerca dos Princípios»), desenvolve uma escatologia empolgante, evolutiva, que desemboca na «restauração final» [gr. *apokatastasis*] de todas as coisas e de todos os seres, articulando a ideia do corpo espiritual glorioso, de Paulo (1 Coríntios 15, 44), com um pequeno trecho dos Actos dos Apóstolos acerca da presença de Cristo Jesus nos céus «... até aos tempos da restauração [gr. *apokatastasis*] de todas as coisas» (Actos 3, 21). Aquela obra, notoriamente divergente da «ortodoxia exotérica» cristã, acabou por ser eliminada e desapareceu, dela restando apenas alguns fragmentos antológicos em grego e uma tradução latina de Rufino que «corrigiu» as passagens mais «heréticas». Desde a ideia da preexistência das almas, até ao conceito de evolução em complexos ciclos de tempo ao longo dos quais se realiza, progressivamente, a elevação dos seres «caídos» até à Luz, com desaparecimento final do próprio inferno absorvido pela totalidade do Bem, quase poderíamos dizer que Orígenes é, a seu modo, um iluminado pré-Rosacruziano...

Pensemos, pois, que esta nossa substância corporal será elevada àquele estado [de corpo espiritual glorioso] quando todas as coisas forem reintegradas em unidade, e Deus for tudo em todos [1 Coríntios 15, 28]. Dever-se-á entender que este resultado será atingido não de súbito, mas lenta e gradualmente, uma vez que o processo de correcção e aperfeiçoamento decorrerá de modo imperceptível nos casos individuais, ao longo de incontáveis e imensuráveis eras. Na corrida para a perfeição, uns serão mais expeditos e adiantar-se-ão aos outros, dos quais alguns segui-los-ão de perto, ao passo que outros, ainda, irão ficando mais longe; e assim, através de numerosas e incontáveis ordens de seres progressivos que se vão reconciliando com Deus a partir dum estado de inimizade, chegará finalmente a vez do último inimigo, que se chama morte, de tal modo que também esta será destruída, deixando de ser um inimigo. Por conseguinte, quando todas as almas racionais forem restituídas a este estado, então a natureza deste nosso corpo transformar-se-á na glória de um corpo espiritual. (ORÍGENES, *De Principiis*, III, 6, 6).

Para Orígenes não existe o modelo escatológico de um castigo eterno: o inferno é um fogo purgatório, ou purificador, que desaparecerá a quando da *apokatastasis*, ou restauração final, tal como ele a descreve nos seus tratados e da qual nos dá uma ideia

no excerto acima transcrito. Estas doutrinas, em franca contradição com as posições dogmáticas da «Grande Igreja», tiveram não obstante uma persistente popularidade entre inúmeros seguidores, tanta que os teólogos da ortodoxia exotérica, que sempre as atacaram, a partir de finais do século IV decidiram adoptar medidas mais drásticas que culminaram em 553 d. C. com o V Concílio Ecuménico (II de Constantinopla). Neste concílio foram aprovados os famosos «XV Anátemas Contra Orígenes», dos quais o primeiro reza logo assim:

«Se alguém afirmar a fabulosa preexistência das almas, e afirmar a monstruosa restauração que se lhe segue: seja anátema».

Na sequência, os monges origenistas foram expulsos dos seus mosteiros, alguns bispos foram depostos e procedeu-se a uma mais eficaz destruição dos escritos de Orígenes: dos 786 títulos que ele terá produzido (segundo afirma Jerónimo numa das suas cartas) somente uns raros conseguiram chegar até nós, e mesmo esses preservados em condições assaz duvidosas.

O II Concílio de Constantinopla havia sido convocado pelo imperador Justiniano, que governou de 527 a 565 e se meteu nos assuntos religiosos ao ponto de nomear e exilar bispos, promulgar éditos que a Igreja assinava de cruz, e até aprisionar o papa. No rescaldo do descalabro que se seguiu à devastação de Roma pelos Ostrogodos, e sobretudo por razões de labiríntica política imperial, Justiniano favoreceu o epicispado monofisita e desde cedo tomou o partido dos anti-origenistas. Por fim entrou em conflito com o papa Vigílio que ele próprio fizera eleger por intermédio do seu general Belisário: deu ordens para que fossem buscar o papa a Roma e o trouxessem prisioneiro para Constantinopla. O papa, porém, conseguiu fugir para Calcedónia donde emitiu fortes censuras contra Justiniano e seus apoiantes.

De acordo com a vontade do imperador o concílio fez-se em 553 sem o papa e em condições irregulares: os bispos (apenas em número de 150) foram escolhidos a dedo por Justiniano e prontificaram-se a todas as condescendências, o que levanta um problema curioso: sem a aprovação papal e nestas condições, a decisão conciliar anti-reencarnacionista não é tecnicamente válida, logo os cristãos são livres de aceitar ou não a doutrina dos renascimentos... É certo que Vigílio assinou mais tarde um *Constitutum* (que substituiu por outro no ano seguinte) ratificando os veredictos do concílio, mas fê-lo, um ano antes de morrer, num estado de grande abatimento e sob ameaça de prisão pelos esbirros imperiais, o que torna questionável a sua legalidade.

Depois disso, ainda teve forças para condenar as decisões do concílio... que entretanto já o havia deposto!

Bom, uma vez que Jesus disse «Se quereis aceitá-lo», tal como nos lembra Tomberg, não vale a pena fazer fincapé numa concepção ou noutra — ressurreição *versus* reencarnação —, até porque não são inconciliáveis: o mesmo Tomberg o mostrou em outro passo de *Lazarus, komm heraus!*: complementam-se, e a ressurreição está para os renascimentos como o todo para a parte.

As diferentes e sucessivas etapas da evolução podem exigir, em certos casos, o regresso ao mundo térreo através de renascimentos em novos corpos físicos, deixando em aberto, noutros casos, a possibilidade de **sucessivos renascimentos em níveis espirituais cada vez mais elevados**, tal como depreendemos das concepções origenistas e doutros autores do Cristianismo primitivo como Gregório de Nyssa, que se inspiraram no Iniciado Paulo: «Mas nós todos, com o rosto descoberto reflectindo como espelhos a glória do Senhor, nessa mesma imagem somos transformados **de glória em glória**, pela acção do Espírito do Senhor» (2 Coríntios 3, 18).

Esta transformação «de glória em glória» não é um círculo que retorna mas uma sucessão de espirais que ascendem, como entrevimos nos textos de Orígenes e nos ensinam as Doutrinas Rosacruz com a sua cosmogénese e antropogénese universais de Involução-Evolução em Períodos, Revoluções, Épocas... Uma visão grandiosa de um Cristianismo irradiante de esplendor espiritual, que conhece Deus como Pai Misericordioso e de Amor cuja Vontade é que **todos os Seus filhos se salvem** — e para isso nos enviou o Cristo-*Logos* que, em palavras registadas pelo Iniciado João, nos assegura:

«Não vim para condenar o mundo, mas para salvar o mundo» (João 12, 47).





Hermes sobre Typhon, JAKnaap.

Hermes, como a personificação da Sabedoria Universal está aqui representado com o pé sobre o dorso de Typhon, o dragão da ignorância e da perversão. Para os Iniciados Egípcios, vencer o dragão devorador das almas era se libertar da necessidade de renascer.

Fonte: Manly Palmer Hall, *The Secret Teachings of all Ages*, Los Angeles: Philosophical Research Society, 1933.

Versão online: <http://secret-teachings.tripod.com>

O que é o Esoterismo?



António de Macedo

O substantivo «esoterismo» é de formação relativamente recente, por comparação com o adjectivo «esotérico», de origem grega, donde deriva.

O adjectivo *eksôterikos*, -ê, -on («exterior, destinado aos leigos, popular, exotérico») já existia em grego clássico, ao passo que o adjectivo *esôterikos*, -ê, -on («no interior, na intimidade, esotérico») surgiu na época helenística sob o Império romano. Diversos autores os utilizaram. Veremos dentro em pouco alguns exemplos.

Têm a sua origem, respectivamente, em *eisô* ou *esô* (como preposição significa «dentro de», como advérbio significa «dentro»), e *eksô* (como prep. significa «fora de», como adv. significa «fora»). Destas partículas gramaticais (preposição, advérbio) os gregos derivaram comparativos e superlativos, tal como no caso dos adjectivos. Em regra, o sufixo grego para o comparativo é -*teros*, e para o superlativo é -*tatos*. Por exemplo, o adjectivo *kouphos*, «leve», tem como comparativo *kouphoteros*, «mais leve», e como superlativo *kouphotatos*, «levíssimo». Do mesmo modo, do adv./prep. *esô* obtém-se o comp. *esôteros*, «mais interior», e o sup. *esôtatos*, «muito interior, interno, íntimo».

O adjectivo *esôterikos* deriva, portanto, do comparativo *esôteros*. Certos autores, porém, talvez mais imaginosos, propõem outra etimologia, baseada no verbo *têrô* que significa «observar, espiar; guardar, conservar». Assim, *esô* + *têrô* significaria qualquer coisa como «espiar por dentro e guardar no interior».

Platão (427-347 a. C.) no seu diálogo *Alcibíades* (aprox. 390 a. C.) utiliza a expressão *ta esô* no sentido de «as coisas interiores», e no diálogo *Teeteto* (aprox. 360 a. C.) utiliza *ta eksô* com o significado de «as coisas exteriores». Por sua vez Aristóteles (384-322 a. C.) utiliza o adjectivo *eksôterikos* na sua *Ética a Nicômaco* (I, 13), cerca do ano 350 a. C., para qualificar o que ele chama os «discursos exotéricos», ou seja, as suas obras de juventude, de fácil acesso a um público mais geral.

O primeiro testemunho do adjectivo *esôterikos* encontramos-lo em Luciano de Samosata (aprox. 120-180 d. C.) na sua obra satírica *O Leilão das Vidas*, § 26 (também chamado *O Leilão das Escolas Filosóficas*), composta cerca do ano 166 d. C.

Mais tarde, os adjectivos *eksôterikos* e *esôterikos* passaram a ser aplicados, por engano, aos ensinamentos de Aristóteles por Clemente de Alexandria (aprox. 150-215 d. C.) na sua obra *Strômateis*, composta cerca do ano 208 d. C.: «As pessoas da escola de Aristóteles diziam que, entre as suas obras, algumas são *esotéricas* e outras destinadas ao público ou *exotéricas*» (*Strômateis*, Livro V, cap. 9, 58). Clemente supunha que Aristóteles era um iniciado, e portanto seriam «esotéricos» os ensinamentos que facultava no seu Liceu a discípulos já instruídos. Na verdade era apenas um ensino oral e Aristóteles qualificava-o como «ensinamento acroamático», que quer dizer «transmitido oralmente», nada tendo de esotérico no sentido iniciático do termo.

O teólogo alexandrino Orígenes (aprox. 185-254 d. C.), discípulo de Clemente, já usa ambos os adjectivos em conotação com o «oculto», ou melhor, o «iniciático»; contestando as críticas do anti-cristão Celso, diz

Orígenes: «Chamar *oculta* à nossa doutrina é totalmente absurdo. E de resto, que haja certos pontos, nela, para além do *exotérico* e que portanto não chegam aos ouvidos do vulgo, não é coisa exclusiva do Cristianismo, pois também entre os filósofos era corrente haver umas doutrinas *exotéricas*, e outras *esotéricas*. Assim, havia indivíduos que de Pitágoras só sabiam “o que ele disse” por intermédio de terceiros; ao passo que outros eram secretamente iniciados em doutrinas que não deviam chegar a ouvidos profanos e ainda não purificados» (*Contra Celsum*, Livro I, 7).

O termo «esotérico» começou a ser usado como substantivo a partir de Jâmblico (aprox. 240-330 d. C.), filósofo e místico neoplatónico que se refere aos discípulos da escola pitagórica nos seguintes termos: «Estes, se tivessem sido julgados dignos de participar nos ensinamentos graças ao seu modo de vida e à sua civilidade, após um silêncio de cinco anos, tornavam-se daí em diante *esotéricos*, eram ouvintes de Pitágoras, usavam vestes de linho e tinham direito a vê-lo» (*Vita Pythagorica*, cap. 17, 72).

O conceito de «esoterismo» é de criação muito mais recente. Johann Gottfried Herder (1744-1803), que se opôs ao racionalismo Iluminista da sua época, foi o primeiro autor a utilizar a expressão *esoterische Wissenschaften* («ciências esotéricas»), referenciável no tomo XV das suas *Sämtliche Werke*, e o substantivo *l'ésotérisme* surgiu pela primeira vez na obra *Histoire critique du gnosticisme et de ses influences* (1828), de Jacques Matter. Na sequência, deve-se ao ocultista e cabalista Eliphas Lévi (1810-1875) a vulgarização dos termos «esoterismo» e «ocultismo» (este último na sua acepção moderna e mais lata de *corpus* de «ciências ocultas», diferente da *Occulta Philosophia*, ou Magia, de Agrippa, por exemplo). A partir de então o termo adquiriu uma voga crescente, sobretudo depois que Helena P. Blavatsky, A. P. Sinnett, Annie Besant, C. W. Leadbeater, etc., da corrente teosofista da Sociedade Teosófica popularizaram o conceito, desde o último quartel do século XIX e ao longo dos inícios do século XX.

Paralelamente, certos autores começaram a encarar o estudo do esoterismo de um ponto de vista mais académico, não se considerando, eles mesmos, «esotéricos», mas investigadores quer da história quer das ideias de determinadas correntes espirituais, místicas ou ocultas. Entre estes contam-se por exemplo, nos finais do século XIX, George R. S. Mead e Arthur Edward Waite, cujos trabalhos, apesar de tudo, ainda se encontram a meio-caminho entre o «discurso esotérico» e a pesquisa universitária. No primeiro quartel do século XX, Max Heindel (1865-1919) estabeleceu a distinção técnica entre «o oculto» e «o místico», e, embora inserido numa específica corrente esotérica, deu forma consistente, nas suas obras, quer à vertente mística quer à vertente oculta do esoterismo. Por sua vez Rudolf Steiner (1861-1925), igualmente inserido numa corrente esotérica bem definida, abordou o esoterismo segundo um duplo enquadramento, ocultista e científico. René Guénon (1886-1951) trabalhou o esoterismo, genericamente, segundo uma perspectiva mais filosófica do que histórico-crítica, tendo o cuidado de distinguir entre o esoterismo cristão, o islâmico e o védico; todavia, o grande impulso para o estudo do esoterismo de um ponto de vista de investigação académica surgiu a partir de 1928, com a tese de Auguste Viatte sobre o Iluminismo, seguindo-se-lhe as pesquisas e os trabalhos de Will-Erich Peuckert sobre a pansofia e o rosacruzianismo, de Lynn Thorndike sobre a história da magia, da Prof.^a Frances A. Yates sobre o Iluminismo rosacruz e o esoterismo renascentista, etc., devendo-se a esta última o principal estímulo para uma pesquisa universitária, rigorosa, incidindo sobre o «território esotérico», o que fez alterar o respectivo panorama investigacional a partir dos anos 60 e 70 do século XX. O prof. Antoine Faivre, mais recentemente, chama a atenção para os estudos de Ernest Lee Tuveson sobre o hermetismo na literatura anglo-saxónica dos séculos XVIII e XIX, e de Massimo Introvigne sobre os movimentos «mágicos» dos séculos XIX e XX, sobretudo pelo facto de proporem abordagens novas, interdisciplinares.

Actualmente, é já bastante vasto o leque de autores que estudam o esoterismo em ambiente de investigação académica, tendo-se tornado consensual a designação de «esoterólogos» para alguns desses investigadores, o que pressupõe uma ciência da **Esoterologia** que está a ter acolhimento nos *curricula* de algumas Universidades. Nem todos coincidem, porém, nas suas posições e definições do campo investigacional do «esoterismo», podendo de certo modo, e sem tentar uma conciliação entre os diferentes autores, dizer-se que existem vários «esoterismos».

Por amor à brevidade, limitar-me-ei a salientar alguns esoterólogos contemporâneos cujos trabalhos são de capital relevância para a compreensão do «objecto temático» do esoterismo:

Prof. Antoine Faivre — Director de Estudos da École Pratique des Hautes Études - Section Sciences Religieuses (Sorbonne, França);

Dr. Wouter J. Hanegraaff — Professor de História da Filosofia Hermética e Correntes Relacionadas - Faculdade de Humanidades da Universidade de Amesterdão (Holanda) e orientador de pesquisas sobre História das Correntes Esotéricas - Departamento de Ciência das Religiões da Universidade de Utrecht (Holanda);

Prof. Pierre A. Riffard — Investigador de Metodologia de Esoterismo e professor Catedrático na Université de Novakchott (Mauritânia);

Prof. Massimo Introvigne — Historiador das Correntes Esotéricas Contemporâneas e Director do Centro Studi sulle Nuove Religioni, Turim (Itália);

Prof. Roland Edighoffer — Professor emérito na Université de Paris III (Sorbonne Nouvelle, França);

Prof. José Manuel Anes — Grão-Mestre da GLRP/LP (Maçonaria Regular de Portugal) e professor de História das Correntes Esotéricas no

Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa (Portugal).

Em termos muito simplificados podemos dizer que duas grandes tendências gerais se perfilam entre estes autores: uma, poder-se-á designá-la por «universalismo pró-esotérico», e outra, por «estruturação histórico-crítica». O prof. Wouter J. Hanegraaff ainda considera uma terceira tendência a que chama «formas de anti-esoterismo», que, por não serem indispensáveis neste breve resumo, me abstenho de considerar aqui.

Na linha do «universalismo pró-esotérico» incluem-se os trabalhos e a actividade universitária de professores como Pierre A. Riffard e José M. Anes, por exemplo. Segundo Riffard, o esoterismo tanto existe no Ocidente como no Oriente, desde a pré-história até aos nossos dias, e tem a ver com o mistério da existência tal como é percebido pelos seres humanos; além disso, Riffard critica certos investigadores académicos que procuram estudar o esoterismo «de fora», como se pudesse existir um «fenómeno cultural esotérico» independentemente do esoterismo em si. Segundo Riffard, a essência do esoterismo é, ela mesma, «esotérica»; na sua monumental obra de perto de 400 páginas, *L'ésotérisme*, Riffard interroga-se: «Pode alguém ser um esoterólogo sem ser, ao mesmo tempo, um esotérico?» De acordo com este ponto de vista, elabora uma descrição do esoterismo segundo as oito invariáveis que, em sua óptica, o caracterizam:

- (1) A impessoalidade do autor;
- (2) A oposição esotérico/exotérico;
- (3) A noção de «o subtil» como mediador entre o espírito e a matéria;
- (4) Analogias e correspondências;
- (5) A importância dos números;
- (6) As ciências ocultas;
- (7) As artes ocultas;
- (8) A Iniciação.

Uma posição totalmente diferente é assumida pelos profs. Antoine Faivre e Wouter J. Hanegraaff, por exemplo, defensores da linha «histórico-crítica». Segundo Faivre não se deve falar em «esoterismo» mas em «esoterismos», ou melhor, em «correntes esotéricas e místicas», uma vez que ele considera que não há um esoterismo em si, mas apenas correntes, autores, textos, etc. Para que o *esoterismo* constitua uma especialidade académica reconhecida pela comunidade científica, Antoine Faivre define-o do seguinte modo, de acordo com a Direcção de Estudos da «Section des Sciences Religieuses» (Sorbonne), que ele mesmo integra com outros docentes: um *corpus* de textos que constituem a expressão dum certo número de correntes espirituais, na história Ocidental moderna e contemporânea, ligadas entre si por um «ar de família», bem como uma «forma de pensamento» que subjaz a essas correntes. Considerado de forma extensiva, esse *corpus* estende-se da Antiguidade tardia até hoje; considerado de forma limitativa, abarca um período que vai do Renascimento até à época contemporânea.

Isto implica que, ao contrário das teses «universalistas», ficam excluídos do conceito de *esoterismo* alguns significados que Antoine Faivre enumera de modo a deixar bem claro o que, de acordo com o seu critério, o esoterismo «não é»: (a) Um termo genérico, mais ou menos vago, que serve para os editores e livreiros classificarem colecções de livros ou rotularem prateleiras, e onde cabem o paranormal, as ciências ocultas, as tradições sapienciais exóticas, etc.; (b) Um termo que evoca a ideia de ensinamentos secretos e uma «disciplina do arcano», com diferenciação entre iniciados e profanos; (c) Um termo aplicável a um certo número de processos mais experienciais que racionais, e que se aproxima da ideia de Gnose no sentido universal, propondo-se atingir, mediante certas técnicas experienciais, o «Centro do Ser» (Deus, o Homem, a Natureza, etc.), não se excluindo, desta concepção, uma atitude filosófica que advoga a «unidade transcendente» de todas as religiões e tradições.

Em contrapartida, aquela «forma de pensamento» que Faivre considera como própria do conceito de esoterismo distinguir-se-ia por seis características ou componentes fundamentais, das quais quatro são «intrínsecas», no sentido em que a sua presença simultânea é uma condição necessária e suficiente para que um discurso seja identificado como esotérico, e duas são «secundárias» ou «extrínsecas», e cuja presença pode ou não coexistir ao lado das outras quatro. São elas:

(1) **A ideia de correspondência** («O que é em cima é como o que é em baixo», segundo a *Tábua da Esmeralda*)

(2) **A Natureza viva** (o Cosmos não é apenas complexo, plural, hierarquizado, etc.: é sobretudo uma Grande Entidade Cósmica viva);

(3) **Imaginação e mediadores** (a imaginação é a faculdade superior de penetrar nos códigos que se ocultam nos mediadores, os quais, por sua vez, são os rituais, as imagens do Tarot, as mandalas, etc., etc., símbolos carregados de polissemia cuja decifração cognitiva permite o acesso ao *mundus imaginalis* definido por Henri Corbin);

(4) **A experiência da transmutação** (percurso espiritual simbolizado alquimicamente por três graus: *nigredo*, ou obra em negro, morte, decapitação; *albedo*, ou obra elevada ao branco; e *rubedo*, ou obra elevada ao vermelho, pedra filosofal);

(5) **A prática da concordância** (prática que visa descobrir os denominadores comuns a duas ou mais tradições aparentemente distintas, na expectativa de que, mediante esse estudo comparativo, se alcance o «filão escondido» que levaria à «Tradição primordial», da qual todas as tradições e/ou religiões concretas seriam apenas os «galhos» visíveis da grande «árvore» perene e oculta);

(6) **A transmissão** (conjunto de «canais de filiação» pelos quais se processa a continuidade de mestre a discípulo, ou de iniciação no interior duma sociedade, no pressuposto de que ninguém se pode iniciar sozinho e que o «segundo nascimento» passa obrigatoriamente por esta disciplina).

Outros autores simplificam a questão considerando que o esoterismo se constituiu no Ocidente como disciplina autónoma, a pouco e pouco, a partir de finais da Idade Média, porque a teologia e a ciência absorveram certos temas que o integravam, eliminando outros que, por serem mais inquietantes ou pertencerem ao imaginário mais perturbador, acabaram, com essa expulsão ou mesmo perseguição, por integrar as correntes esotéricas ocidentais, sobretudo a partir do Renascimento. No Oriente, pelo contrário, a teologia contém os temas esotéricos e por conseguinte o esoterismo não precisa de se constituir como disciplina aparte. Segundo este ponto de vista, pode-se falar em esoterismo associado às várias escolas e tendências que se desenvolveram no Ocidente na linha dos ensinamentos de Marsilio Ficino (1433-1499), de Pico della Mirandola (1463-1494) e de Johannes Reuchlin (1455-1522), esoterismo esse que floresceu, sobretudo, na Europa e nos séculos XVI e XVII. A sua principal característica é a rejeição da linguagem comunicativa como expressão da verdade, e a pretensão de que é nas camadas não-semânticas da linguagem que se oculta a antiga Sabedoria. Em extensão a este conceito, não se pode ignorar a importância do pensamento judaico e dos textos hebreus na Europa, cujo *torat hasod* (conhecimento esotérico) constituiu um corpo específico de tradições secretas na cultura judaica, no centro do qual, e a partir do século XIII, se encontra a Cabala, que teve uma influência de indiscutível relevo no esoterismo cristão.

Algumas referências:

ANES, José Manuel, *Re-Criações Herméticas*, Hugin Editores, Lisboa 1996.

ANES, José Manuel, e COSTA, Paula Cristina, «Os Mistérios do Pessoa Oculto», in *Portugal Misterioso*, Selecções do Reader's Digest, Lisboa 1998.

ANES, José Manuel, e MENDANHA, Victor, *O Esoterismo da Quinta da Regaleira*, Hugin Editores, Lisboa 1998.

- ANES, José Manuel, «A Reabilitação Científica do Esoterismo», entrevista in LOUÇÃO, Paulo A., *A Alma Secreta de Portugal*, Ésquilo Edições e Multimédia, Lisboa 2002.
- DAN, Joseph, «Christian Kabbalah: From Mysticism to Esotericism», in *Western Esotericism and the Science of Religion*, eds. Antoine Faivre & Wouter J. Hanegraaff, Peeters, Leuven 1998.
- EDIGHOFFER, Roland, «La Rose-Croix: De la fabulation à la “tradition” maçonnique», in *Symboles et Mythes dans les mouvements initiatiques et ésotériques (XVII^e-XX^e siècles): Filiations et emprunts*, obra colectiva, Archè / La Table d'Émeraude, Neuilly-Seine 1999.
- FAIVRE, Antoine, *Accès de l'ésotérisme occidental*, 2 vols., nova ed. revista, Éditions Gallimard, Paris 1996.
- FAIVRE, Antoine, «Questions of Terminology proper to the Study of Esoteric Currents in Modern and Contemporary Europe», in *Western Esotericism and the Science of Religion*, eds. Antoine Faivre & Wouter J. Hanegraaff, Peeters, Leuven 1998.
- FAIVRE, Antoine, «Histoire de la notion moderne de Tradition dans ses rapports avec les courants ésotériques», in *Symboles et Mythes dans les mouvements initiatiques et ésotériques (XVII^e-XX^e siècles): Filiations et emprunts*, obra colectiva, Archè / La Table d'Émeraude, Neuilly-Seine 1999.
- HANEGRAAFF, Wouter J., *New Age Religion and Western Culture: Esotericism in the Mirror of Secular Thought*, E.J. Brill, Leiden/New York/Koeln 1996
- HANEGRAAFF, Wouter J., «On the Construction of “Esoteric Traditions”», in *Western Esotericism and the Science of Religion*, eds. Antoine Faivre & Wouter J. Hanegraaff, Peeters, Leuven 1998.
- HANEGRAAFF, Wouter J., «La fin de l'ésotérisme? Le mouvement du Nouvel Age et la question du symbolisme religieux», in *Symboles et Mythes dans les mouvements initiatiques et ésotériques (XVII^e-XX^e*

siècles): Filiations et emprunts, obra colectiva, Archè / La Table d'Émeraude, Neuilly-Seine 1999.

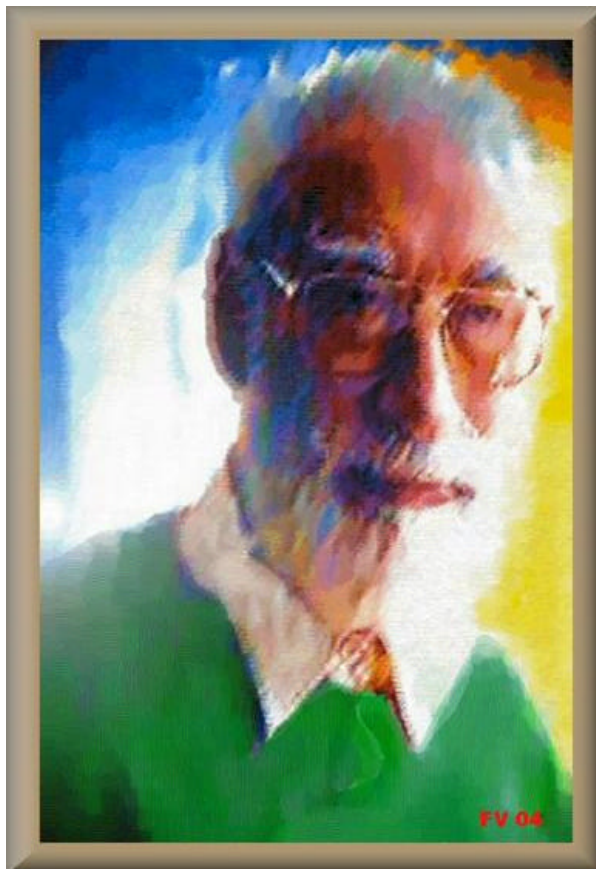
RIFFARD, Pierre A., *L'ésotérisme : Qu'est-ce que l'ésotérisme? Anthologie de l'ésotérisme occidental*, Robert Laffont, Paris 1990.

RIFFARD, Pierre A., *Dicionário de Esoterismo*, Editorial Teorema, Lisboa 1994.

RIFFARD, Pierre A., «The Esoteric Method», in *Western Esotericism and the Science of Religion*, eds. Antoine Faivre & Wouter J. Hanegraaff, Peeters, Leuven 1998.



Sobre o Autor e sua Obra



Antonio de Macedo

Óleo sobre tela, Macarlo

«A inclinação para o maravilhoso, inata a todos os homens em geral, o meu particular apreço pelas impossibilidades, a inquietação do meu cepticismo habitual, o meu desprezo pelo que sabemos e o meu respeito pelo que ignoramos — eis as motivações que me levaram a viajar pelos espaços imaginários.»

Barão de Gleichen (Séc. XVIII)

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA

António de Macedo nasceu, em Lisboa, em 5 de Julho de 1931. No início da sua carreira, e durante alguns anos, exerceu a profissão de arquitecto que abandonou em 1964 para se dedicar ao cinema, à literatura, à pesquisa de músicas de vanguarda. Especializou-se na investigação das religiões comparadas, das tradições esotéricas, de história da filosofia e da estética audio-visual, da literatura fantástica e da ficção científica, temas que tem abordado em inúmeros colóquios e conferências, e em diversas publicações.

Inclui na sua extensa filmografia dezenas de documentários e programas televisivos, bem como filmes de longa-metragem entre as quais se destacam *Domingo à Tarde* (1965), *Nojo aos Cães* (1970), *A Promessa* (1972), *O Princípio da Sabedoria* (1975), *As Horas de Maria* (1976), *Os Abismos da Meia-Noite* (1982), *Os Emissários de Khalôm* (1987), *A Maldição de Marialva* (1989), *Chá Forte com Limão* (1993), etc.

Entre os seus livros contam-se, no ensaísmo, *A Evolução Estética do Cinema* (1959-1960), *Da Essência da Libertação* (1961), *Instruções Iniciáticas* (1999) e *Laboratório Mágico* (2002), e, na ficção, *O Limite de Rudzky* (1992), *Contos do Androthélyls* (1993), *Sulphira & Lucyphur* (1995), *A Sonata de Cristal* (1996), *Erotosofia* (1998) e *O Cipreste Apaixonado* (2000).

Tem leccionado em diversas instituições de ensino desde 1970: no IADE, na Universidade Lusófona, na Universidade Moderna e na Universidade Nova de Lisboa, regendo cadeiras como Teoria e Prática do Cinema, Análise de Imagem, Arte Narrativa e Esoterismo Bíblico.

Foi um dos promotores dos «Encontros Internacionais de Ficção Científica & Fantástico de Cascais», que se iniciaram em 1996, e de cuja Comissão Coordenadora tem feito parte.

Obras de António de Macedo

1. Principais filmes:

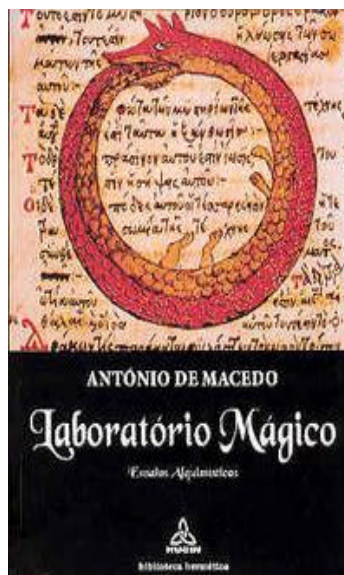
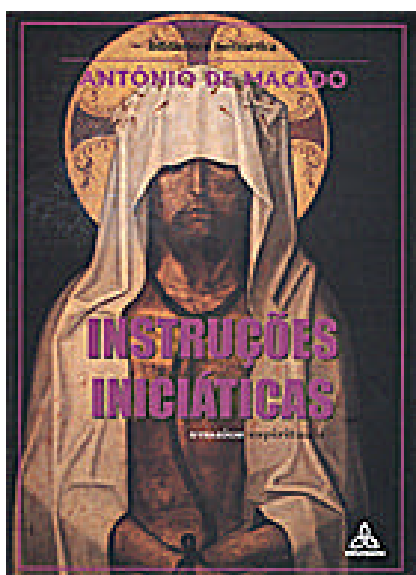
1962 – VERÃO COINCIDENTE, curta-metragem

1963 – NICOTIANA, curta-metragem

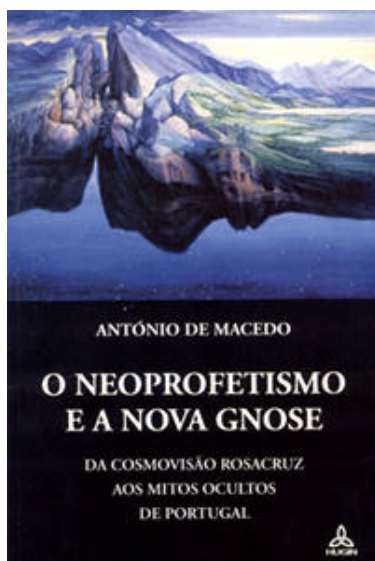
1965 – DOMINGO À TARDE, longa-metragem
 1967 – SETE BALAS PARA SELMA, longa-metragem
 1969 – ALMADA-NEGREIROS VIVO HOJE, curta-metragem
 1970 – NOJO AOS CÃES, longa-metragem
 1972 – A PROMESSA, longa-metragem
 1975 – O PRINCÍPIO DA SABEDORIA, longa-metragem
 1975 – FATIMA STORY, telefilme
 1976 – AS HORAS DE MARIA, longa-metragem
 1976 – O OUTRO TEATRO, telefilme
 1978 – O PRÍNCIPE COM ORELHAS DE BURRO, longa-metragem
 1983 – OS ABISMOS DA MEIA-NOITE, longa-metragem
 1987 – OS EMISSÁRIOS DE KHALÔM, longa-metragem
 1988 – FERNANDO LANHAS - OS 7 ROSTOS, telefilme
 1989 – A MALDIÇÃO DE MARIALVA, longa-metragem
 1992 – O ALTAR DOS HOLOCAUSTOS, série-TV
 1993 – CHÁ FORTE COM LIMÃO, longa-metragem
 1996 – SANTO ANTÔNIO DE TODO O MUNDO, telefilme

2. Ensaio:

A EVOLUÇÃO ESTÉTICA DO CINEMA, vol. 1 1959, vol. 2 1960
 DA ESSÊNCIA DA LIBERTAÇÃO, 1961, 2.^a ed. 2002



INSTRUÇÕES INICIÁTICAS, 1999, 2.^a ed. 2000, Ed. HUGIN
 LABORATÓRIO MÁGICO, 2002, Ed. HUGIN



O NEOPROFETISMO E A NOVA GNOSE, 2003, Ed. HUGIN
ESOTERISMO DA BÍBLIA, 2006, Ed. ESQUILO

3. Teatro:

A POMBA, 1983

A NOVA ILUSÃO, 1984

O OSSO DE MAFOMA, 1989

4. Ficção:

O LIMITE DE RUDZKY, contos 1992

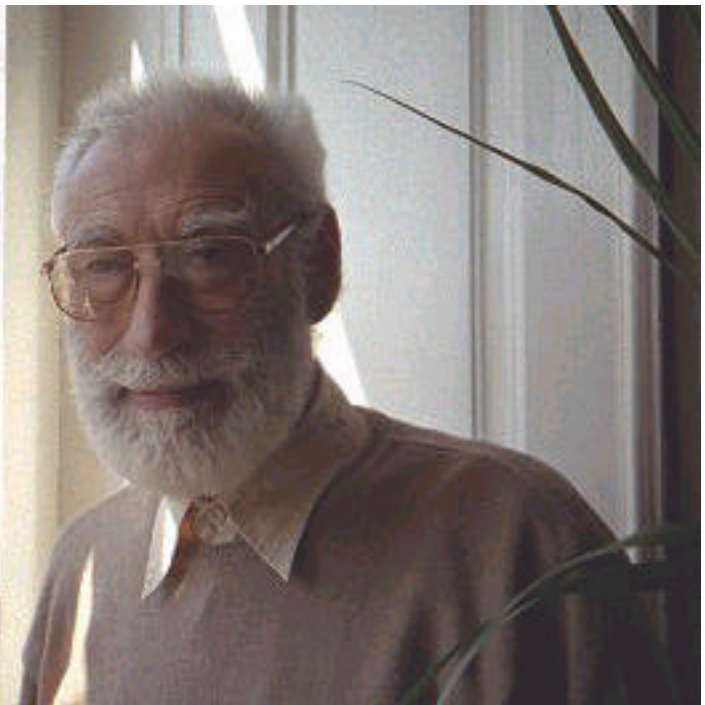
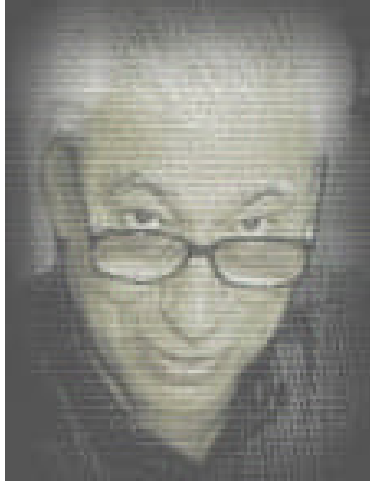
CONTOS DO ANDROTHÉLYS, romance 1993

SULPHIRA & LUCYPHUR, romance 1995

A SONATA DE CRISTAL, romance 1996

EROTOSOFIA, romance 1998

O CIPRESTE APAIXONADO, romance 2000





E-book editado para distribuição gratuita pela

Fraternidade Rosacruz Max Heindel

Centro do Rio de Janeiro

Rua Enes de Souza, 19 Tijuca, Rio de Janeiro, R.J. Brasil 20521-210

Telefone celular: (21) 9548-7397

rosacruzmhrio@gmail.com

Disponível para download no site
<http://www.fraternidaderosacruz.org/>

Março de 2008



THE ROSICRUCIAN FELLOWSHIP

AN INTERNATIONAL ASSOCIATION OF CHRISTIAN MYSTICS